

DANIELA DE LIMA CARVALHO PEREIRA

Relações Interpessoais: Conflitos e Ambiente Escolar

Prof. Doutor Jacinto Serrão de Freitas

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração

Instituto de Educação

Lisboa

2018

DANIELA DE LIMA CARVALHO PEREIRA

Relações Interpessoais: Conflitos e Ambiente Escolar

Dissertação defendida em provas públicas para a obtenção do grau de mestre em Educação conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias no dia 14 de Janeiro de 2018 com o despacho reitoral nº 363/2018, com a seguinte composição de júri:

Presidente: Professor Doutor Óscar Conceição de Sousa

Arguente: Professora Doutora Ana Sofia António

Orientador Professor Doutor Jacinto Serrão de Freitas

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração

Instituto de Educação

Lisboa

2018

DEDICATÓRIA

**Dedico este trabalho às pessoas mais presentes em minha vida:
Meu marido, que está sempre presente.
Meus filhos, Rodrigo e Rafael, que exemplo de carinho e amor.
Minha mãe querida e a meu pai que apesar de não estarem mais
entre nós, acreditaram nos meus estudos.**

AMO MUITO VOCÊS!

AGRADECIMENTOS

Início meus agradecimentos por DEUS, já que Ele colocou pessoas tão especiais a meu lado, sem as quais certamente não teria dado conta!

A meus pais, Maria do Carmo e Fernando, meu infinito agradecimento. Sempre acreditaram em minha capacidade. Hoje já não estão aqui para agradecer pessoalmente.

A meu querido esposo, Jurandi Nery, por ser tão importante na minha vida. Sempre a meu lado, me pondo para cima e me fazendo acreditar que posso mais que imagino. Devido a seu companheirismo, amizade, paciência, compreensão, apoio, alegria e amor, este trabalho pôde ser concretizado. Obrigada por ter feito do meu sonho o nosso sonho!

Aos meus pequenos Rodrigo que acompanhou um pouco a minha trajetória de perto e Rafael que desde a barriga já estudava comigo, foi bem difícil conciliar os estudos, aulas, escrita com Rafa tão pequeno. Mas conseguimos juntos nessa conquista.

Aos meus colegas do grupo do mestrado Isa pelas conversas nas redes sociais sempre me incentivando, conversando e tirando nossas dúvidas, Jivaldo que com seu jeito quieto sempre me disse suas verdades, conversávamos sobre tudo e sustentávamos um ao outro nas conquistas durante toda a trajetória e Genilson chamado de carinhosamente de Geni, que apesar de ter desistido, me ajudava conversando comigo para que eu não dormisse durante as madrugadas de estudo, ele trabalhando e eu estudando. Toda ajuda foi bem vinda lembro-me de cada um e agradeço todo incentivo que me deram. Muito obrigada pela amizade!

Ao Professor orientador Jacinto Serrão que me conduziu nesse lindo trabalho, ele que teve muita paciência e me levou a enxergar coisas e que consegui perceber ao longo da escrita. As incansáveis ligações de horas, mas sempre se disponibilizando e sendo muito gentil comigo, os inúmeros e longos e-mails. Agradeço todos os dias a Deus pela sua vida, pois um professor tão dedicado é muito difícil de encontrar. Você foi e será referência profissional e pessoal para meu crescimento. Obrigada por estar ao meu lado e acreditar tanto em mim!

Finalmente, gostaria de agradecer à Universidade Lusófona por abrirem as portas para que eu pudesse realizar este sonho que era a minha DISSERTAÇÃO DE

MESTRADO. Proporcionaram-me mais que a busca de conhecimento técnico e científico, mas uma LIÇÃO DE VIDA.

Ninguém vence sozinho... OBRIGADA A TODOS!

RESUMO

Mediar os conflitos da sala de aula é algo difícil e a falta de conhecimento dos profissionais para essas situações conflituosas agrava o problema. Pesquisar sobre este fenômeno dos conflitos contribui para entender as interações sociais nas escolas e para melhorar o ambiente educativo. A pesquisa tem como objetivo geral compreender os conflitos na escola para melhorar o conhecimento sobre o cotidiano da escola e as interações sociais que acontecem dentro e fora da sala de aula. Neste sentido, desenvolveu-se esta pesquisa, de natureza qualitativa, baseada num estudo de caso, com recurso à recolha documental, às técnicas de observação e entrevista para a recolha de dados. A coleta de dados foi realizada num colégio da Cidade de Feira de Santana, onde participaram estudantes do 5.º Ano e a professora regente. Na análise de dados percebe-se que os conflitos acontecem diariamente, tanto na sala como no recreio, sem uma eficaz intervenção dos adultos, agravando assim os conflitos e evidenciando a falta de estratégias para a resolução de conflitos na escola. Para conviver em harmonia é necessário uma estratégia integrada da escola, com regras construídas pela comunidade escolar, sem esquecer os próprios alunos, possibilitando a melhoria do ambiente escolar.

***Palavras-chave:* Ambiente escolar; Intervenção pedagógica; Relações interpessoais; Resolução de conflito.**

ABSTRACT

Mediation of classroom conflicts is a difficult task, and the lack of professional knowledge for these conflicting situations aggravates the problem. Research on this conflict phenomena contributes to understanding social interactions in schools and to improving the educational environment. The general objective of the research is to understand the conflicts in the school to improve the knowledge about the daily life of the school and the social interactions that happen inside and outside the classroom. In this sense, this qualitative research was developed, based on a case study, with the use of documentary collection, observation techniques and interviews for data collection. Data collection was carried out at a school in the city of Feira de Santana, where 5th year students and the regent teacher participated. Data analysis shows that conflicts occur daily, both in the classroom and in the playground, without an effective intervention of adults, thus aggravating conflicts and demonstrating the lack of strategies for resolving conflicts in school. To live in harmony requires an integrated school strategy, with rules built by the school community, not forgetting the students themselves, making possible the improvement of the school environment.

Keywords: *Conflict management; Interpersonal relationships; School environment; Pedagogical intervention.*

ABREVEATURAS E SIGLAS

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação

ART - Artigo

ZDP - Zona de Desenvolvimento Proximal

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

VS. - Versus

EC - Educação para Cidadania

CEED- Comissão Especial de Educação Infantil

Índice

Dedicatória.....	iii
Agradecimentos.....	iv
Resumo.....	vi
Abstrat.....	vii
Abreviaturas.....	viii
INTRODUÇÃO.....	1
1.2 Problemática.....	2
1.3 Objetivo Geral.....	4
1.4 Objetivos Específicos.....	5
1.5 Questões de Investigação.....	5
1.6 Estrutura Formal da Dissertação.....	6
CAPÍTULO I.....	7
1.1 Ambiente Escolar.....	7
1.2Relações Interpessoais Professor <i>Versus</i> Alunos.....	10
1.3 Relações Interpessoais Aluno <i>Versus</i> Aluno.....	13
1.4 Estratégias de Resolução do Conflito e suas Sanções.....	14
1.5 Interações Sociais no Ambiente Escolar.....	17
CAPÍTULO II.....	22
2.1 Formação de Professores.....	22
2.2 Formações para a Cidadania.....	24
CAPÍTULO III.....	29
3.1Práticas Pedagógicas na Aprendizagem.....	29
3.2 Práticas Colaborativas.....	32
CAPÍTULO IV.....	35
4. Metodologia.....	35
4.1Desenho de Investigação.....	36
4.2 Técnicas de Recolha de Dados.....	40
4.2.1Observação.....	40

4.2.2 Guia de Observação.....	42
4.2.3Entrevista.....	43
4.2.4 Guia de Entrevistas.....	44
4.2.5 Recolha Documental.....	45
4.2.6 Procedimentos.....	46
CAPÍTULO V.....	49
5 Tratamento e Análise de Dados.....	49
5.1 Observações.....	49
5.2 Observações em Contexto de Sala de Aula.....	50
5.3 Entrevista.....	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	89
ANEXO.....	98
Anexo A.....	98
Anexo B.....	99
Anexo C.....	100
Anexo D.....	101
Anexo E.....	102

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1- Espaço de chão de terra.....	60
Figura 2 – Espaço com cobertura e chão de cimento.....	61
Figura 3 – Espaço externo sem cobertura com sombra e com chão de terra.....	61
Figura 4 – Espaço com jogos de tabuleiro na área coberta do colégio.....	62
Figura 5 – Espaço do campo de terra visto do alto, onde são realizadas as partidas de futebol.....	65

INTRODUÇÃO

O homem é por natureza um ser social que vive e depende do outro para sobreviver e ao longo de sua história buscou conhecer a si mesmo e o outro e o mundo ao seu redor, interagindo com o ambiente, apropriando-se do que já havia sido construído para continuar construindo novos conhecimentos, pois não se produz conhecimento sozinho, mas sim na interação do sujeito com o objeto.

Na escola surgem as amizades, gostos e indiferenças. Trata-se de, um convívio que começa na primeira infância e as diferenças ou indiferenças são apresentadas a partir das características de cada um.

Na escola o convívio é diário, e esse contato traz consigo a possibilidade de conhecer o outro mais de perto, percebendo de maneira mais intensa, entendendo as características, constatando os gostos, as habilidades ou dificuldades, por conseguinte as pirraças e brigas são mais evidentes por saber e conhecer o outro com tanta facilidade, as crianças conhecem-se e sabem os gostos umas das outras e muitas vezes provocam o espaço da escola num lugar de ocorrências de agressões físicas e verbais.

Por entender que esse convívio no ambiente escolar traz conflitos diários e que pode ter consequências para a vida das crianças e no seu processo de ensino e de aprendizagem, surgiu a possibilidade da pesquisa no âmbito da escola na perspectiva de conhecer e entender toda a decorrência desse ambiente conflituante em crianças.

Assim, depois de perceber a dificuldade no convívio escolar nas escolas pública, veio o interesse na pesquisa sobre o tema relacionado a relações interpessoais com o objetivo conhecer a natureza dos conflitos e suas resoluções entre crianças do 5º Ano (10 e 11 anos) durante as interações sociais dentro e fora da sala de aula, em uma escola pública do município de Feira de Santana- Bahia.

Tendo em vista o propósito de compreender a natureza dos conflitos no ambiente escolar a pesquisa foi iniciada em uma escola pública e fez-se necessário entender quais situações de convívio social que poderíamos perceber durante a trajetória de convivência neste espaço.

Os conflitos são inevitáveis no ambiente escolar onde há interação social, sendo assim, é necessária a intervenção e/ou resolução de conflito que pode ser concretizada pela professora ou por alunos autônomos, através do diálogo. Essa proposta de conversa traz consigo a oportunidade para validarmos os valores e o respeito ao outro no ambiente escolar.

1.2 PROBLEMÁTICA

O ser humano necessita se relacionar em diversos ambientes sociais, sendo assim, para que o mesmo seja de forma amigável deve ser respeitoso. No ambiente escolar não é diferente, os relacionamentos acontecem entre crianças, adolescentes e adultos a todo instante, as amizades e inimizades surgem, a noção de grupo e parcerias é garantida juntamente com as afinidades.

O respeito deve ser mantido dentro de qualquer lugar, mas na escola é que surgem as primeiras amizades, gostos, e indiferenças, é um convívio que começa na primeira infância e as diferenças ou indiferenças são apresentadas a partir das características de cada um.

A escola é um lugar onde o convívio é diário, portanto, mais fácil de entender e saber as habilidades e defeitos de quem se convive, sendo assim, também as pirraças e brigas são mais evidentes, pois as crianças se conhecem e sabem o gosto um do outro.

A pirraça e a briga acontecem na escola e, é algo que será inevitável, as crianças fazem isso, desde que o mundo é mundo, o que se deve observar é a maneira como elas são tratadas quando o conflito acontece, como são realizadas as intervenções das crianças.

No momento em que os conflitos acontecem, sendo eles em agressões físicas os verbais, os profissionais sem o conhecimento adequado para mediar à situação podem se sentir impotente diante da situação, gerando neles um conflito interno, sem saber como resolver, acabam sendo grosso e agressivo, falando alto e intimidando as crianças com o tom de voz.

Resolver o conflito através da intimidação serve de base para alguns profissionais, ele é visto como autoridade na sala, resolver do seu jeito sem ouvir o outro pode ser um “ganho de tempo” para a continuação da aula e pra ele ainda a maneira mais adequada e sensata para resolver rápido o conflito.

“O comportamento pró-social sem a intenção moral, não é moral. É apenas vantajoso ou obediente. Estamos preocupados com o desenvolvimento dos sentimentos ou intenções morais pela criança, não apenas comportamentos” (DE VRIES; ZAN, 1998, p.39). O bom comportamento na escola é visto como vantajoso, para alguns profissionais, mas a questão moral está além do comportamental.

Para alguns profissionais de educação entender e conversar sobre respeito com as crianças ainda é difícil, eles ficam em alguns momentos perdidos, pois, esses valores que deveriam ser adquiridos na infância dentro da família, muitas vezes, são deixados de lado, e assim, mais uma vez a escola abarca situações familiares para dentro da instituição de ensino.

Diante de tantos problemas, a pesquisa pode contribuir para compreender o fenômeno e ajudar a encontrar estratégias adequadas na gestão de conflitos que resultam do convívio social no ambiente escolar.

As interações sociais são constantes em uma instituição escolar, as crianças se veem, conversam, brincam e nesse convívio que normalmente os conflitos acontecem e que nas intervenções, os valores morais devem ser colocados em prática. O profissional que realiza a mediação deve ter conhecimento sobre como conduzir as intervenções para que garanta a autonomia da criança e busque na conversa a melhor maneira de resolver os conflitos.

Assim, a partir das situações conflituosas em diversos ambientes da escola, levanta-se a seguinte questão de partida: Como acontecem os conflitos no ambiente escolar dentro e fora da sala de aula, resultante das interações sociais?

1.3 OBJETIVO GERAL

As escolas são locais onde a sociedade deposita muitas expectativas em relação ao processo de formação das crianças e dos jovens. Neste sentido, além dos conteúdos das áreas disciplinares, é importante atender à educação para os valores que se insere na área da cidadania como uma vertente educativa fundamental para a formação de cidadãos mais reflexivos e mais intervenientes na vida coletiva (Serrão; Salema, 2013).

Atendendo às constantes dinâmicas da sociedade, as escolas e os agentes educativos devem procurar compreender os fenómenos emergentes e assim atuar no sentido de ultrapassar as barreiras que se colocam no processo de ensino e de aprendizagem dos alunos. Neste desiderato, a busca pelo conhecimento é o que impulsiona a evolução humana e passa, em grande medida, pela pesquisa científica, a qual leva-nos a conviver com essa evolução constante e a caminhos para novas sapiências.

Para uma pesquisa evoluir diante essa busca incessante por ideias novas, onde é necessário um direcionamento para que a pesquisa possa idealizar o todo, sem perder a essência de suas partes específicas.

“Dos distinciones permitirán definir mejor el objeto de la recogida de información y, consiguientemente, caracterizar sus diferentes métodos, a saber” (KETELE, 1995, p.160).

Esta pesquisa tem como objetivo geral compreender os conflitos na escola pública para melhorar o conhecimento sobre o cotidiano da escola e as interações sociais que acontecem dentro e fora da sala de aula.

Os objetivos específicos explicam de maneira mais fragmentada a dimensão do objetivo geral, tendo sempre mais de um ponto no contexto da pesquisa, correspondem a uma visão especializada, cujos objetivos específicos têm uma função de estudar de maneira mais focada o que se pretende pesquisa.

Em los casos de una recogida de información controlada, será necesario, a menudo, dar muestras de astucia para mantener, a pesar de todo, um máximo de objetividade em la investigación y pertinência, de validez y fiabilidad (KETELE,1995,p.160).

1.4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Observar como as crianças se relacionam no ambiente escolar;
- Conhecer as situações de convívio social entre as crianças com a mesma faixa etária;
- Observar situação de conflito entre crianças de diferentes idades no momento do intervalo;
- Perceber como se procede ao convívio social entre os alunos e a professora;
- Identificar como as interações sociais são inseridas nas resoluções de conflitos;
- Conhecer como são solucionadas as questões de conflito dentro e fora da sala de aula.

1.5 QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO

Levantam-se ainda questões de investigação associadas aos objetivos específicos para que se possa pensar na possibilidade de investigação através das mesmas.

- Como as crianças se relacionam no ambiente escolar?
- Como acontecem as situações de convívio social no ambiente escolar entre as crianças da mesma faixa etária?
- Como são as situações de conflito entre crianças de diferentes idades no momento do intervalo?
- Como é o convívio social entre os alunos e a professora?
- Como são solucionadas as questões de conflito dentro e fora da sala de aula?
- Como são realizadas as intervenções pelos adultos nos momentos de conflitos dentro e fora da sala de aula?

1.6 ESTRUTURA FORMAL DA DISSERTAÇÃO

A estrutura da dissertação é a seguinte: introdução, enquadramento teórico, metodologia, análise de dados, considerações finais, referências bibliográficas e anexos.

A introdução traz a relevância do tema proposto, a definição do problema, da questão de partida, dos objetivos, questões de investigação e a estrutura formal da dissertação. No enquadramento teórico fundamenta-se o campo de investigação (Capítulo 1) ambiente escolar com os subtópicos: relações interpessoais professor versus aluno; relações interpessoais aluno versus alunos; estratégias de resolução de conflito e suas sanções; interações sociais no ambiente escolar. O (Capítulo 2) a formação de professores com os subtópicos sobre a formação para cidadania; práticas pedagógicas na aprendizagem significativa; prática colaborativa.

No Capítulo 4, a metodologia, faz-se a abordagem metodológica, descreve-se o desenho da investigação, técnica de recolhas de dados (observações e entrevistas), guia de entrevista e observação, recolha documental e os procedimentos. No Capítulo 5 aborda-se o tratamento e análise de dados resultantes das observações e entrevistas no contexto da sala de aula e as análises dos dados da pesquisa, onde é se apresenta e se evidencia dados empíricos da pesquisa.

Nas considerações finais a pesquisa traz respostas aos questionamentos feitos, e que percorrem toda a trajetória da pesquisa (Capítulo 6). A dissertação contém ainda as referências bibliográficas e anexos.

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CAPÍTULO I

1.1 AMBIENTE ESCOLAR

A percepção de um ambiente escolar é de conhecimento de todos, pois durante as nossas vidas passamos por um, então é algo facilmente caracterizado pela sociedade nos seus componentes do senso comum. É do ponto de vista físico, um lugar com várias salas para estudo, professores de várias disciplinas, cantina, espaço para correr e brincar, biblioteca, coordenação e direção. No entanto, do ponto de vista epistemológico, o ambiente escolar enquadra-se numa lógica administrativa e organizativa que, numa perspetiva de Formosinho (2005) assenta em dimensões societárias e comunitárias, atendendo ao interesse público da escola e às preocupações sociológicas da ação das escolas sobre as crianças e jovens. Trata-se de uma interligação entre diversos fatores administrativos, organizativos e pedagógicos, onde a acção docente tem um papel preponderante. É nesse espaço que os profissionais da educação procuram contextualizar a sua atividade no processo de ensino e de aprendizagem dos alunos e adquirem experiência lidando diretamente com o cotidiano da escola.

O ambiente escolar é um espaço de aprendizagem e conquistas, onde se constrói conhecimento de inúmeras maneiras e se educa para a cidadania, responsabilidade e autonomia. A educação através da escola tem a finalidade de firmar compromisso e impor possibilidades, e por sua completude se torna abrangente e, por sua vez, complexa.

É na infância que se inicia a socialização, a partir do convívio familiar e ampliando-se através das interações com o outro no ambiente escolar, que pode ser vista de perto pelos agentes educativos, pois o cotidiano dá a oportunidade de observar o contexto da evolução da socialização durante um longo período. Em seus estudos Rego (1995) cita Vigotsky, onde o mesmo “atribui enorme importância ao papel da interação social no desenvolvimento do ser humano. Uma das mais significativas contribuições das teses que formulou está na tentativa de explicar como o processo de desenvolvimento é socialmente constituído” (REGO, 1995, p. 56).

O ambiente escolar proporciona uma mistura de interação e nela ocorre o convívio com inúmeras crianças que já trazem na sua bagagem uma experiência da relação familiar. Assim, é a escola que constrói aprendizado, onde o aluno traz consigo raízes para sala de aula e conviver nesse ambiente rico de cultura traz um olhar diferenciado para vários aspectos sociais. A escola traz no convívio social diário, aspectos familiares demonstrando a variedade cultural e educacional que abarca a sala de aula, componente familiar bastante significativo e que pode influenciar a educação, pois quando o ambiente social na escola é deficitário a família é convidada a participar e assim pode mostrar caminhos para que seja construída de forma participativa.

O convívio diário com crianças traz relações com os alunos, e essa é a maneira de obter um relacionamento agradável no ambiente de trabalho, para que o convívio flua e as aulas possam se tornar algo produtivo. Para tanto, é necessário que o aluno tenha um relacionamento de respeito com o professor para que ambas as partes possam se sentir a vontade. A partir de um bom relacionamento quanto o crescente envolvimento dos alunos nas atividades, fazendo com que a construção do conhecimento melhore gradativamente.

O trabalho com respeito e compreensão é importante, pois traz junto a ele um convívio de afetividade em uma relação saudável. Segundo Mosquera e Stobäus (2004): “Um professor que busca uma educação para a afetividade deve, antes de nada, desenvolver uma personalidade mais saudável, estabelecer melhores relações interpessoais” (MOSQUERA; STOBÄUS, 2004, p. 106).

Ser um profissional de excelência não significa escrever e comunicar bem e/ou saber todos os conteúdos da disciplina, é importante perceber o outro com dedicação e afeto, respeitando seu momento, espaço e valores para crescimento pessoal. “A docência envolve o professor em sua totalidade; sua prática é resultado do saber, do fazer e principalmente do ser, significando um compromisso consigo mesmo, com o aluno, com o conhecimento e com a sociedade e sua transformação” (GRILLO, 2004, p. 78).

Nesse convívio diário surgem as afinidades, amizades e o convívio tornar-se algo muito importante nesse ambiente relacional de troca de conhecimento, de partilha e de atitudes que ajudam um ao outro. Pode ser também um lugar de conflito, pois nem todos gostam das mesmas coisas, existem diferenças comportamentais e

atitudes que podem gerar situações de desigualdade e conflito. Situação que deve ser vista como momento de reflexão e aprendizagem sobre o funcionamento dos ambientes. “A ação humana é orientada por valores e princípios, que representam um julgamento. O desenvolvimento dos sentimentos, crença, valores e princípios é o que chamamos de desenvolvimento moral” (VINHA, 2000, p. 38). Ter uma relação de afeto com o professor faz a relação professor vs. aluno ser grandiosa, e o aprendizado ser melhor e mais proveitoso. Segundo Mosquera e Stobäus (2004), a “grande parte dos problemas que as pessoas têm provêm de sua própria pessoa ou da relação que estabelece com as outras pessoas” (2004, p. 92).

Numa perspectiva de territorialização educativa, os professores devem ter em consideração outros elementos da comunidade escolar, onde o pessoal auxiliar e de gestão do espaço escolar desempenham um papel importante na construção de ambientes escolares agradáveis (SERRÃO; SALEMA, 2015; BENAVENTE et al., 2016). Ser cordial com todos os funcionários da escola representa um convívio harmonioso e completo. Se as relações não estiverem equilibradas no espaço escolar, faltará motivação e o trabalho pode representar prejuízo, tanto para as crianças, como para o professor, bem como para a administração e outros setores que desenvolvem tarefas importantes na escola.

O adulto é modelo para a criança em que normalmente se espelha quando o assunto é atitudes, então, cumprimentar, tiver cordialidade e atitudes de respeito, será reproduzido pelas crianças, pois as mesmas presenciam. Apesar disso, a vida corrida faz com que as pessoas se distanciem e busquem ficar sozinhas, e nesse isolamento esquecemo-nos de empregar valores e respeito essenciais para manter relações cruciais com o outro. Acarretando convívio mais superficial, ocorrendo o distanciamento do relacionamento em grupo, que traz segurança e bem-estar.

O convívio social traz regras de relacionamento impostas pela sociedade, numa lógica do conceito de “fato social” de Durkheim (2010), onde o ambiente escolar traz suas regras e que na ação escolar a “educação perpetua e reforça essa homogeneidade, fixando, antecipadamente, na alma da criança as alianças fundamentais exigidas pela vida coletiva” (DURKHEIM, 2010, p.13). A vida coletiva na escola é algo normal, a troca de experiências, o respeito e a opinião do outro devem ser vistos como regras fundamentais para o ambiente escolar. A escola promove a socialização, concretiza regras em espaço coletivo e comum a todos, também é

responsável não apenas pela difusão de conhecimentos, mas pela transmissão dos valores de uma cultura entre gerações, como afirma Martin-Baró (1992).

As relações interpessoais no ambiente escolar nem sempre acontecem de maneira positiva, principalmente em um ambiente em que muitas vezes há competição e falta de comunicação entre os mesmos, o que acaba prejudicando o ambiente de troca de experiência. O convívio agradável possibilita momentos de partilha de dúvidas e certezas, busca de possibilidades e um ambiente de trabalho agradável.

1.2 RELAÇÕES INTERPESSOAIS PROFESSOR *VERSUS* ALUNO

Um ambiente harmonioso com relações interpessoais entre professor e alunos garante um aprendizado de qualidade são fundamentais para o crescimento cognitivo da criança. Nesse espaço o aluno consegue ter segurança para conversar com o professor e dizer suas impressões sobre a aula, suas dúvidas e relatos como aconteceu o aprendizado. A partir destas perspectivas, é possível perceber que respeito e afetividade são fundamentais para o aprendizado, e que afetividade e disciplina são atitudes que andam juntas. O professor afetivo não deve ser permissivo, o aluno precisa de afago e de limites para que a comunicação seja dosada com uma perspectiva de valores morais e éticos. “O clima de respeito que nasce de relações justas, sérias, humildes, generosas, em que a autoridade docente e as liberdades dos alunos se assumem eticamente, autentica o caráter formador do espaço pedagógico” (FREIRE, 1996, p. 103).

Um convívio de respeito possibilita, durante a aula, uma troca de conhecimento entre professor e aluno que pode contribuir com o aprendizado, reconstruindo os conhecimentos dos alunos e melhorando o mesmo como estudante e como pessoa. Assim, o professor pode ter mais liberdade para conversar com o aluno e cobrar de maneira mais direta, proporcionando um ambiente de troca de conhecimento proveitoso e harmônico. E os alunos ao perceberem que o professor se preocupa com o seu aprendizado dá mais importância aos estudos contribuindo com seu próprio aprendizado.

Estabelecer essa relação de confiança é um dos primeiros passos para que os alunos consigam aprender e contribuir com um bom relacionamento. Sentir confiança é trazer produtividade para dentro da sala e proporcionar aulas melhores, alunos satisfeitos e professores que contribuem com o aprendizado. Tudo fluindo e o cognitivo do aluno sendo cada vez melhor. Mas não podemos esquecer o espaço do aluno na sala que deve ser garantido, possibilitando seu pronunciamento quando necessário, seus questionamentos e dúvidas devem ser ouvidos para que o aprendizado possa ser conquistado. São através do respeito entre ambas às partes essa conquista se concretiza.

Aprender a ouvir não é tarefa fácil, ainda mais para uma profissão como a docência, por estar acostumada a falar e as pessoas pararem para ouvir. Ou seja, fala mais do que ouve. Alguns professores devem entender que os alunos precisam falar, para tanto devem estar preparados para ouvir os problemas que ocorrem no cotidiano e buscar soluções juntos e assim contribuir com a relação professor vs. aluno. Mosquera e Stobäus (2004, p. 97) dizem que:

Frequentemente nos custa muito parar para ouvir os outros, estamos muito mais preocupados em que nos ouçam, porém pouco dispostos a ouvir. O ouvir os outros e aprender a vê-los como são realmente é fundamental para as relações interpessoais, em especial para professores, que devem de estar muito atentos e poder, assim, agir melhor na realidade.

Saber ouvir é muito importante para refletir sobre as atitudes e reconhecer o que se fez de certo ou errado. O diálogo se faz necessário em um ambiente como a sala de aula, em que o convívio está presente a todo instante, então, o respeito ao outro torna esse contato, através do diálogo, um espaço onde se pode entender e trazer algum conflito que possa ser resolvido. Como exemplo, podemos citar o fato de muito aluno trazer consigo problemas e preocupações que refletem no seu aprendizado. Deseja aprender, mas pelo que vive não conseguir relatar conflitos. Segundo Grillo (2004, p. 79):

Todo aluno traz para a sala de aula uma história pessoal, com experiências particulares vividas na família, na sociedade, com disposições e condições diversas para realizar seu percurso de estudante, e expectativas diferenciadas com relação a um projeto de vida.

Cada um traz consigo uma história de vida e suas características, considerar e entender o aluno a partir dessa história é respeitar o seu processo familiar e cognitivo (ambiente escolar). Ou seja, esses conhecimentos, trazidos na bagagem pelo aluno, devem ser considerados. Para tanto, é preciso possibilitar o aluno à participação nas discussões em sala, como um ato de respeito para que o aluno se sinta mais seguro, pois o professor confia nele e faz com que confie em si próprio. Sentir medo e vergonha de se posicionar em sala de aula é uma atitude normal, mas quando é estimulado a falar, expuser sua opinião e for respeitado por isso, percebe valorização e deixa-o mais reflexivo. “Ensinar exige querer bem o aluno, não significa que o professor é obrigado a ter o mesmo sentimento por todos os alunos, significa que o educador deve ter afetividade pelo aluno sem medo de expressá-la” (FREIRE, 1996, 32).

Entender e proporcionar ao aluno boas discussões não é algo fácil, todo o dia naquele espaço físico, com uma média de vinte alunos, não é tão simples perceber a história de cada um e direcioná-lo para um caminho que possa ajudar. Acontece também do professor se deparar com situações e dilemas, ambos difíceis de serem resolvidos. Perrenoud (1995) levanta algumas dúvidas em torno do avançar no conteúdo programático ou ser atencioso às necessidades do aluno, e do impor um modelo de trabalho ou negociar para conseguir uma adesão.

Apesar do espaço para a conversa em sala, o professor deve contemplar o conteúdo necessário ao currículo da série, como nos diz Yus (1998). Cabe a ele orientar seus alunos sobre a importância da comunicação no processo de ensino-aprendizagem.

1.3 RELAÇÕES INTERPESSOAIS ALUNO VERSUS ALUNO

No ambiente escolar há inúmeras pessoas que convivem, mas não conversam; raramente se veem mesmo compartilhando do mesmo espaço físico. Na sala de aula, o convívio é mais próximo possibilitando conhecer melhor o outro. O relacionamento entre os alunos não é algo muito simples, por apresentar pessoas com histórias diferentes e com objetivo de vida diferente. Apesar disso, o respeito e a cooperação devem prevalecer. Vale salientar que o professor deve ficar atento para essas diversidades, que são normais, mas que na escola pode deixar o aluno constrangido.

Por isso, devem ser percebidas e respeitadas, e só o adulto e/ou professor pode fazer os alunos enxergarem que algumas brincadeiras não fazem bem.

Os alunos devem ter boas relações é o primeiro passo para se obter um bom ambiente de trabalho. Para que as aulas sejam produtivas e interessantes, ele precisa sentir-se a vontade com o professor e com os colegas de sala, e isso irá facilitar seu envolvimento nas atividades e a construção dos conhecimentos com relação aos conteúdos trabalhados.

Segundo Mosquera e Stobäus (2004, p. 92): “Grande parte dos problemas que as pessoas têm provêm de sua própria pessoa ou da relação que estabelece com as outras pessoas”. Ter boa relação entre os alunos é fundamental para garantir uma vida escolar saudável. Quando as relações entre as pessoas são positivas, forma-se um ambiente motivador, de interação e de troca.

A interação entre o professor e os alunos deve acontecer, pois assim o último compreende como participar e interagir com o outro. Em outras palavras, o professor deve se exemplar para o aluno, que muitas vezes não sabe como agir em certas situações.

É importante considerar a relação entre aluno vs. aluno junto ao clima estabelecido pelo professor, da relação empática com seus alunos, de sua capacidade de ouvir, refletir, discutir o nível de compreensão dos mesmos e da criação das pontes entre o seu conhecimento e o deles. Sendo assim, a participação dos alunos nas aulas é de suma importância, pois estará expressando seus conhecimentos, preocupações, interesses, desejos e vivências de movimento podendo assim, participar de forma ativa e crítica na construção e reconstrução de sua cultura de movimento e do grupo em que vive. (GOMES, 2000).

Desde os primeiros anos escolares, o estudante deve entender a importância do companheirismo, da partilha e cooperação. Aprender a respeitar desde cedo, dividir tarefas, discutir e respeitar opiniões, auxiliando no crescimento como estudante e como pessoa.

De acordo com Pérez Gomes (2000) a função do professor é ser o facilitador, buscando a compreensão comum no processo de construção do conhecimento compartilhado, que se dá somente pela interação. A aula deve se transformar e provocar a reflexão sobre as próprias ações, suas consequências para o conhecimento e para a ação educativa. Nesse mesmo raciocínio é que Rey (1995)

defende a ideia de que a relação professor-aluno é afetada pelas ideias que um tem do outro e até mesmo as representações mútuas entre os mesmos. A interação professor-aluno não pode ser reduzida ao processo cognitivo de construção de conhecimento, pois se envolve também nas dimensões afetivas e motivacionais.

1.4 ESTRATÉGIAS DE RESOLUÇÃO DE CONFLITO E SUAS SANÇÕES.

A escola tem um papel fundamental na formação social do indivíduo, tendo como objetivo proposto, organizar situações de convívio sociais através do recreio, jogos e trabalhos grupais, para que assim, um cidadão comprometido consigo mesmo e com o outro seja formado. Assim sendo, formar um cidadão em uma escola que ofereça a todos um espaço ideal de conversa e compartilhamento de opiniões ainda está longe de acontecer. Apesar da perspectiva da escola ser trabalhar juntamente com a comunidade, para que a mesma possa participar do processo de ensino aprendizagem das crianças. Bock (2002) enfatiza que a Psicologia, no âmbito da educação, foi construindo formas de compreensão do ser humano. Tais condutas no espaço escolar são compreendidas a partir das relações que se estabelecem entre si, e dando atenção às diferentes subjetividades construídas na relação com a cultura e a sociedade.

O maior desafio da escola é a construção do social através da empatia no processo de ensino-aprendizagem que perpassa a convivência, pois se deve levar em consideração todo percurso histórico familiar. Em um ambiente escolar, o convívio social se faz a todo instante, muitas pessoas se encontram no mesmo espaço físico, mas com histórias de vida e credences diferentes. Tudo isso em um ambiente tão diversificado, onde existe a possibilidade de divergências conflituosas, pois cada um tem opiniões diversificadas sobre muitas situações do cotidiano. É nesse contexto que o conflito poder ser iniciado, pois o conflito de ideias é diverso.

Segundo Neves (2011, p. 582) para que o conflito aconteça é necessário que uma das partes interprete de maneira equivocada e que haja uma forma de interação ou interdependência entre as partes. No ambiente escolar esse tipo de atitude é algo comum, pois é um espaço de reflexão onde todos tem o direito de opinar e refletir sobre suas ideias e buscar melhorar ou intensificar e justificar o que defende e pensa.

O conflito é visto como algo negativo, porque alguns profissionais que ainda não conhecem toda a dinâmica de resolução do mesmo podem não entender e pensar no conflito como algo difícil de lidar. Mas é a partir dele que se conseguem avanços em relação a algumas situações. É no conflito que se pode pensar nas atitudes e refletir sobre o ato do real conflito. “Alguns autores referem-se ao conflito de forma negativa, associando-o a uma ideia de perigo ou de malefício” (NEVES, 2011, p. 582).

O conflito deve ser visto como inevitável num local como a escola, onde as crianças convivem diariamente, então devem acontecer com frequência e serem resolvidos pelas crianças com a orientação e mediação de um adulto. Ortega Ruiz (2002) defende que o “conflito é uma situação de diferença de critério, de interesses ou de posição pessoal em face de uma situação que afeta mais do que um indivíduo. Quando as pessoas têm um estatuto social semelhante e capacidade para se enfrentarem na dita situação, estão em condições de afrontar conflitos e de resolvê-los criativamente” (AMADO; FREIRE, 2002, p. 24).

Na escola o conflito acontece através de uma conversa com divergências de opiniões que através do diálogo podem ser resolvidos, mas há aqueles com agressões verbais e físicas que uma intervenção mais séria de um adulto deve ocorrer para que o respeito prevaleça e que atitude não se repita. Quando eles acontecem à escola deve ter em seu regimento interno sanções que possam levar o aluno a refletir sobre seus atos, e podem ser construídas no ambiente escolar pelos funcionários e alunos da própria escola ou serem deferidas pela direção e professores. As sanções são realizadas dentro da escola para que a mesma tenha regras que não possam ferir a integridade física e moral de todos que nela convivem apesar da escola ter o dever de agir dessa maneira. Entretanto, algumas muitas vezes são vistas como punições.

Apesar de ter obrigação de construir essas regras internas que muitas vezes põe ordem, disciplina e respeito naquele espaço, à escola deve estar atenta, porque as sanções previstas no regimento escolar não podem afrontar os princípios fundamentais e constitucionais (assegurados a todo cidadão), e em especial à criança e o adolescente, que tem o direito de acesso e permanência no ambiente escolar.

A resolução do conflito perpassa pelas conversas para construções de estratégias que possam entender o processo de mediação e assim caminhar junto com a criança na busca de resolução de conflito de maneira harmoniosa e bem

sucedida. Negociar a sanção pretendida a cada caso de violação de direitos dentro da escola é uma estratégia de resolução usada nas escolas como busca de solução. “A escolha de soluções para resolver a diversidade conflituosa, é função de uma multiplicidade de condicionantes, entre as quais se destacam a natureza do objeto da divergência, as características das partes e o tempo disponível.” (NEVES; CARVALHO, 2011, p. 595).

Os conflitos mais simples e que todos da escola tomam conhecimento devem ser conversados em sala para que todos saibam o que aconteceu e para que cada um possa pensar em que maneira resolver, mesmo sem direcionar as crianças ao caso ou relatar o nome das mesmas para que não sejam expostas no grupo. Dessa maneira pode gerar uma discussão, uma conversa para que assim não venha ocorrer o mesmo conflito futuramente. Segundo Ballenato (2008, p. 142) existem alguns fatores fundamentais para uma resolução adequada de problemas, como utilizar o diálogo, aproveitando adequadamente a comunicação como um instrumento útil para pedir opiniões.

Assim sendo, o diálogo é uma estratégia para a resolução de conflito quando, diante dele, algumas crianças não conseguem relatar o acontecido. Ela precisa de tempo para falar, outras só falam com um adulto de sua confiança, atitude normal e que deve ser respeitada, pois a criança está em uma situação de constrangimento e precisa de apoio e confiança para conversar. Para que as estratégias de resolução de conflito avancem é necessário compreender o outro e se colocar no lugar dele é imprescindível para que seja resolvido. O adulto deve mediar de maneira harmoniosa, ouvindo as duas partes e tentando ser imparcial para que pensem e resolvam da melhor maneira. Ou seja, “a mediação é uma forma de resolver os conflitos, em que as duas partes em confronto recorrem a uma terceira pessoa imparcial, que neste caso é o mediador” (TORREGO, 2003, p. 5).

Normalmente o mediador do ambiente escolar é o professor que busca, através de estudos sobre moralidade, mediação e resolução de conflitos, intercedendo diante das situações diversas que acontecem dentro da escola.

1.5 INTERAÇÕES SOCIAIS NO AMBIENTE ESCOLAR

A história social do ser humano está cheia de acontecimentos marcantes que buscam traçar caminhos ainda não estudados. Tem-se um mundo marcado por divisões sociais e que ainda vive extremas mudanças radicais, o que muitas vezes a sociedade não percebe. Na perspectiva das ideias de Comte (1890) se entendia que os estudos sociais deveriam ser pautados como os estudos das demais matérias das ciências naturais. Seria por meio do método científico que as normas e as regras gerais dos fenômenos sociais seriam entendidas, o que nos daria o poder de intervir nos problemas sociais de forma a resolvê-los e eliminá-los de nossa convivência.

A sociologia é uma ciência que estuda o homem que, por sua vez, faz parte da sociedade, o comportamento humano e o processo que interliga suas ações. Ela também pretende conceituar a sociedade a partir do ambiente que vive. Segundo Levy et al., (1950) conceitua Sociologia dizendo que é “ um grupo de seres humanos que compartilham de um sistema autossuficiente de ação, o qual é capaz de existir mais tempo do que o próprio período de vida de um indivíduo” (LEVY et al., 1950, p.43).

Ela possibilita a percepção do mundo que os rodeia o ser humano, observando situações e comportamentos que parecem simples, mas que na sociologia são fenômenos que compreendem fatos históricos, sociais e emocionais.

A “identidade e continuidade de uma sociedade persistem e são inerentes no sistema de ação em que os atores participam [...]. Uma sociedade poderia, concebivelmente, sobreviver” Aberle (1950 apud MORRISH, 1975, p.44). Perceber sua concepção consiste em entender o homem e suas ações por ser sustentada a partir de atitudes vivenciadas e repetidas pelo outro, ou seja, isso corresponde à ação social. Tal ação é de cada indivíduo transformado pela situação em que cada um vive.

A ação que é movida pelo indivíduo que constrói sua vida individual, depois do conhecimento de si, vai para a coletividade, como assegura Boneti (2008, p. 21) de um “processo de sequências de acontecimentos provocados por uma cadeia de motivação”.

Reconhecer a escola como espaço social é algo que vem sendo estudado pelos sociólogos e educadores, a exemplo de John Dewey (1916), um dos primeiros a reconhecer a importância da relação fundamental entre a escola e a sociedade. A

concepção social da educação levou Durkheim (1956, p. 70) a argumentar que “não havia apenas uma forma de educação, ideal e real, mas numerosas formas; na verdade, havia tantas formas diferentes de educação quantos os milieux diferente de uma determinada sociedade.”

A Sociologia investiga a educação, que por sua vez, investiga, observa e analisa a atividade humana no seu ambiente e “investiga a educação como instituição” que parte de uma necessidade humana e pode ser investigada como instituição. (BONETI, 2008, p. 6).

Ainda segundo Boneti (2008, p. 6), a Sociologia tem “a educação como campo investigativo considerando que qualquer atividade humana constrói e é construída por processos educativos”. Ou seja, a Sociologia e a educação caminham juntas as duas tem sua contribuição importante para a sociedade. Mesmo a educação constituída por aprendizado, passados de geração em geração, traz uma representação empírica, que é representada pela sociologia. As ideias da teoria funcionalista pensam a sociedade como um corpo humano, onde tudo deve estar bem para que funcione regularmente. Assim seria um conjunto de vários espaços interligado entre si possibilitando o funcionamento.

“Através da educação, o ser transforma-se em social, mas a partir de uma homogeneidade relativa nas sociedades caracterizadas pela divisão do trabalho social” (DURKHEIM, 2010, p.15). Adiantando que cada pessoa tem a sua função estabelecida e para sair do individual e tornar-se coletivo, deve compartilhar suas conquistas. Cada sociedade fixa certo ideal de homem, do que ele deve ser do ponto de vista intelectual, físico e moral, sendo esse ideal o próprio polo que norteia a educação. A sociedade só pode viver “se existir entre seus membros uma suficiente homogeneidade” (DURKHEIM, 2010, p.15). Assim, o individuo percebe a educação que o rodeia e cria estratégias para alcançar uma unidade comum.

A concepção social do homem pode ser concebida através das relações que estabelecem com o outro e consigo mesmo desde o nascimento. O convívio e a interação dele acontecem desde os primeiros minutos de vida, já que “o desenvolvimento e a aprendizagem estão inter-relacionados desde o nascimento da criança” (REGO, 1995, p.76). O ser humano nasce e estabelece nos primeiros momentos de vida a sua interação com o meio através do choro, riso, olhar, a partir do que ele deseja ou não. Para Zabala (1998, p. 93), as relações interativas facilitam

o aprendizado. Essa relação de aprendizado vem a partir do respeito e compreensão do outro. Sendo assim, a partir do seu nascimento, a interação acontece o que representa uma parcela da sociedade enquanto sujeito social.

O ser humano é um misto de físico, afetivo e cognitivo, não devendo ser pensado de forma estática e desmembrada, uma vez que ele é único e indissociável. No entanto, este ser global não é acabado e sua constituição se dá a partir da interação com o outro. É essencial recordar este aspecto, base da teoria vygotskyana, que considera a interação social como fator fundamental no desenvolvimento das funções psicológicas caracteristicamente humanas (FREITAS, s.d., p. 96).

A interação social na perspectiva sócio histórica permite pensar em um ser humano propício mudanças, como nos fala Martins (1992, p.116), sendo ele o causador de tal concepção que pode gerar situações de mudança social. Ela também é condição necessária para o desenvolvimento de uma sociedade. Por meio deste processo o sujeito se torna sociável e adquire comunicação, tornando a sociedade um sistema de símbolos, valores, normas adquiridas ao longo das conquistas e interações trazidas ao longo da história.

No espaço escolar a interação social torna-se algo importante para o desenvolvimento dos ambientes, lugar onde dificilmente é possível prever o que pode acontecer voltados para atitudes diárias de crianças que geram conflitos e são suscetíveis a equívocos. Assim sendo, os profissionais da educação que as acompanham precisam “oferecer ajuda adequada, no processo de construção, para que o aluno possa enfrentar obstáculos pelos quais se depara” (ZABALA, 1998, p. 92). Além de formar cidadãos autônomos e capazes de resolver seus conflitos através do diálogo.

Entender a educação como processo de participação e interação e realizá-la no espaço como a escola, onde há inúmeras pessoas com histórias de vida diferentes e que carrega sua bagagem histórica e familiar suas raízes e defende-as, é complexo e bastante difícil. Mesmo assim, a escola busca essa convivência e interação.

Aprender requer troca de conhecimento e segundo Zabala (1998) é indispensável que haja um clima e um ambiente adequado para que o aprendizado flua. A criança precisa perceber o espaço escolar como um lugar de troca de experiências e que nele se iniciam as primeiras amizades e o convívio social. O convívio harmonioso entre os alunos e professores no espaço escolar deve acontecer

em todos os ambientes para que reflita socialmente na sala de aula através do planejamento das aulas dos professores, enriquecendo o ambiente físico, social e cognitivo.

As interações estabelecidas na sala de aula são inevitáveis, no entanto, as mesmas devem acontecer de maneira respeitosa para estabelecer uma boa convivência entre os alunos e entre alunos e o professor. O processo de ensino e aprendizagem depende de uma boa relação entre ambos, é nessa interação social que a criança desenvolve o cognitivo, ampliando, assim, sua maneira de agir e interagir no meio em que vive.

A maneira que cada criança busca aprendizado tem suas características, provando que o processo cognitivo de cada criança é diferente. Nas interações e intervenções é preciso perceber constantemente situações de aprendizagem, sendo que elas “dependem das características singulares de cada aprendiz” (ZABALA, 1998, p. 34). O professor tem o papel fundamental na interação social “onde o processo de ensino e aprendizagem ocorre em decorrência de interações sucessivas entre pessoas”, e nas escolas esse contato acontece com frequência trazendo experiências sociais no cotidiano. (TASSONI, 2000, p. 6). A partir dela o aluno pode conquistar novos desafios, lembrando que o professor serve de mediador desse processo.

É preciso perceber que o desafio ao “ensinar envolve estabelecer uma série de relações”, e nessa perspectiva de relações e troca envolve-se as interações entre professor/aluno, aluno/aluno. A partir disso, o envolvimento estabelece as relações e o aprendizado acontece, informação passada por Zabala (1998, p. 90). As interações na sala de aula são necessárias para desenvolver habilidades das crianças no que sintam dificuldade, mas que em meio à dificuldade consiga se desenvolver por ter alguém em quem possa confiar. O profissional de educação deve estar atento para passar essa segurança às crianças em sala. Interação, troca e confiança. “As relações interativas necessárias para facilitar a aprendizagem se deduz uma série de funções dos professores, que tem como ponto de partida o seu planejamento” (ZABALA, 1998, p. 92).

Por fim, a Sociologia traz aspectos pontuais da vida em sociedade e alguns autores trazem essa perspectiva de maneira clara como John Dewey (1916) que defende a evolução da sociedade. Nesse contexto, defende a posição em que a Sociologia e a educação devem caminhar juntas, pois entender o processo histórico,

perceber atitudes e desenvolvimento do ser humano são objetivos dessa ciência, apesar da educação ter suas conquistas em relação ao desenvolvimento humano educacional e social por percebe o crescimento e a evolução.

CAPÍTULO II

2.1 FORMAÇÃO DE PROFESSORES

A necessidade de formação dos professores vem desde o início da história do país, já que em cada um de seus períodos é possível ver as dificuldades e limitações provindas das conquistas adquiridas através da luta. Tais profissionais lutam por uma educação melhor e um desenvolvimento adequado para os mesmos. O debate que perpassa essas questões em seus anos iniciais mostra mais intensidade a partir da década dos anos 90, com o momento de revitalização da escola e pelas mudanças da proposta curricular e dos cursos de pedagogia. Realidade acentuada com a aprovação da nova LDB (Lei 9.394/96), que, superando a polêmica relativa ao nível de formação que seria médio ou superior, elevou a formação do professor das séries iniciais ao nível superior.

Em todos os momentos da história da educação nos deparamos com a ansiedade dos profissionais por atualização. Com a aprovação da lei, se inicia a conquista de novos saberes, estando, no decorrer dos estudos, aptos para o desempenho da profissão almejando novos conhecimentos. As novas oportunidades de qualificação representam um desafio para o sistema educativo, para a escola e para os professores. Qualificar os profissionais de educação significa ter maior relevância para o crescimento do país, mas no Brasil a educação tem suas deficiências, e uma maneira de permitir melhores condições de vida para a população é através da educação e qualificando seus profissionais. Ideia exposta por Nóvoa no trecho abaixo.

[...] a formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autónomo e que facilite as dinâmicas de auto formação participada. Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projetos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional (NÓVOA, 1995, p. 25).

A formação dos professores a partir da universidade deve se tornar contínua através de cursos de conhecimentos e aprimoramentos que contribuam para a

construção e formação dos mesmos. Para tanto, os cursos devem ter uma proposta reflexiva sobre aprendizados quanto à reconstrução permanente da prática. O desenvolvimento profissional e suas práticas de formação continuada podem ser úteis para a aquisição de conhecimento, e Nóvoa (1995) afirma que as práticas de formação podem tomar dimensão coletiva para consolidação de uma profissão mais autônoma em saberes e valores.

O papel das universidades, a princípio, era somente formar os profissionais com as mudanças ocorridas na educação, porém se percebe a necessidade de buscar conhecimento à medida que a educação se transforma, dando início a formação continuada para que os profissionais de educação estejam sempre aptos a novos conhecimentos. Garcia (1999) traz uma reflexão sobre conhecimentos, pois o mesmo tem um caráter de caducidade, ou seja, o que aprendemos num determinado momento da nossa vida tem uma utilidade relativa em função dos avanços do conhecimento produzido pela investigação, o que nos obriga, mais do que nunca, a uma atualização constante.

No Brasil, a formação continuada de professores é justificada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9394/96 – em seu artigo 63, bem como o aperfeiçoamento está no art. 67. Assim, as recomendações da nova lei tornam necessária à implementação de investimentos, objetivando a melhoria da ação pedagógica. Tal formação traz consigo a necessidade de melhorar a educação a partir da prática reflexiva aplicada em sala de aula, para que o aluno possa ser visto como colaborador do seu próprio conhecimento, e o professor trazer suas experiências através da compreensão e compartilhamento de saberes.

Depois que o professor está capacitado, se familiariza com a rotina de trabalho e consegue fazer relação teoria e prática, percebe que seus estudos estão voltados para o cognitivo, mas as relações mediadas no cotidiano vão além do saber intelectual. Dessa forma, o trabalho diário requer interação com o meio, entender o outro, ouvir e respeitar todos no ambiente de convívio social. Segundo Tardif (2014) as relações dos professores com os saberes nunca são somente cognitivas, são relações mediadas por princípios relacionados ao respeito e as situações cotidianas.

Apesar de toda a importância em relação à formação docente, muitos professores relatam que os saberes acontecem além dos cursos de formação, pois

conseguem agir de maneira equilibrada na ação docente a partir de sua experiência que vai além do currículo da faculdade. A experiência ajuda a entender a rotina e compreendê-la de maneira mais organizada e proveitosa. No cotidiano os professores compartilham seus saberes e suas dúvidas com os outros colegas, isto faz com que eles troquem informações sobre situações importantes e cresçam em vários aspectos. Tardif (2014) defende essa ideia de compartilhar saberes e que a experiência ajuda nos momentos de rotina de sala de aula.

Os conceitos aprendidos durante o processo formativo necessitam de reajuste quando o professor chega a sala de aula e se depara com a linguagem, maneira de se relacionar com o outro, escuta ampliada e percepção que o outro necessita, além da captar nas entrelinhas o que está acontecendo. Marques (2000) defende o conceito da concretização da experiência e que as determinações dos problemas diários da sala de aula devem ser analisadas e entendidas. Os profissionais de educação ao sair do espaço da universidade ganham novos horizontes com o desafio de sua continuidade com outros olhares (o da prática). As práticas profissionais precisam ser bem entendidas para serem melhores exercidas. Os professores formados normalmente não estão preparados para a rotina dinâmica da sala de aula, e passam por situações complicadas no início da carreira, sendo assim, ouvir outros professores mais experientes na função ajuda a perceber toda a trajetória a ser seguida no espaço da sala.

2.2 FORMAÇÕES PARA A CIDADANIA

A cidadania é, segundo Serrão (2017), uma área fundamental no processo de ensino e de aprendizagem das crianças e jovens, para que se sintam plenamente realizados como cidadãos na sociedade onde vivem.

A cidadania subsumida nas necessidades de relacionamento supõe uma educação que ultrapassa os muros das escolas, convoca as famílias e todas as estruturas comunitárias, onde educar para a cidadania é construir futuro para a plena realização individual e coletiva dos cidadãos, sendo que a realização de um indivíduo não deve tirar realização as(s) outro(s) (SERRÃO, 2017, p.18)

Cidadania pressupõe a qualidade de uma pessoa que possui direitos políticos e civis em uma determinada comunidade, mas esse “conceito” não é algo bem definido. Quando se refere à cidadania encontramos diversas definições e opiniões sobre o assunto. O que se pode realmente afirmar é que ser cidadão no Brasil é respeitar os direitos e deveres, apesar de não serem respeitados da melhor maneira pelos representantes políticos.

A cidadania é uma expressão que está ligada ao Direito, área na qual podemos encontrar uma legislação voltada para os direitos e deveres do cidadão, a exemplo do que o torna legitimamente um cidadão. Esse conceito tão almejado, mas não muito bem definido, está também relacionado à nacionalidade do indivíduo, já que além das leis, a cidadania deve ser pensada a partir do respeito e valores. Gentili e Alencar defendem esse princípio para a cidadania, pois é um “conjunto de valores e práticas cujo exercício não somente se fundamenta no reconhecimento formal dos direitos e deveres que a constituem na vida cotidiana dos indivíduos”. (GENTILI; ALENCAR, 2001, p. 87).

Na perspectiva de Serrão (2017, p. 18) as questões da cidadania devem se ser centrais ao sistema educativo e vão além dos conceitos normativos, ou seja,

a Educação para a Cidadania(EC) entendida como área interdisciplinar e transversal aos direitos ciclos e disciplinas e à comunidade, é uma área central ao currículo escolar, garante sucesso educativo e proporciona uma formação holística dos cidadãos, consubstanciada no princípio da dignidade humana, na cultura democrática e na ética dos Direitos Humanos(DH). A EC deixa, assim, marcas indeléveis no percurso de ensino e de aprendizagem das crianças e dos jovens e condiciona os percursos completos de vida dos cidadãos e das comunidades.

Ter cumprimento dos direitos e deveres de cidadão pela sociedade vai além do reconhecimento diante das leis, mas esse cumprimento não deve ser reconhecido ou ficar em um espaço de discussão política, isto é, direito e dever de votar. Desta maneira, a participação social e política da população devem ir, além disso. Quando se tem conhecimento dos seus direitos e deveres a busca por eles se torna menos complexa, e é na escola que se aprende sobre as leis que regem os direitos e deveres. A partir daí podem conquistar conhecimentos para lutar por uma cidadania digna para a vida. Em outras palavras, a escola é o primeiro passo para modificar tal situação na sociedade.

Educar é um ato que traz conhecimento, sociabilidade, crescimento pessoal e acadêmico, bem como de dar subsídios para o cidadão reivindicar seu direito quanto à cidadania que deve ser exercida com a educação. Também é possível afirmar que a cidadania atrela a consciência educacional e política sobre os direitos e deveres de cada cidadão. Assim, a escola tem um papel primordial de compartilhar conhecimento, passar conteúdos do currículo básico que a série proporciona durante o ano letivo, e também deve atuar na formação moral dos alunos, promovendo o pleno desenvolvimento do indivíduo como cidadão.

A escola pode propiciar saberes para toda a vida intelectual e social, porque é nela que a criança encontra meio de se preparar para o futuro. A qualidade do ensino e as intervenções são essenciais para que o aprendizado aconteça, e com a perspectiva que a formação intelectual e moral se faça presente em sua trajetória. A sociabilidade na escola pode proporcionar o convívio com o outro, que deve ser conversado em sala, de modo que seja procedimento de rotina do espaço escolar trazendo conceitos de justiça, respeito e solidariedade para que possa ser vivida. A escola além de poder ajudar pode realizar intervenções junto às crianças proporcionando a reflexão e atitude crítica que levará o aluno a identificar possibilidades de reconhecer seus limites a partir dos procedimentos dialogados em classe.

O agente transformador da sociedade se inicia pela educação voltada para a cidadania, isso deve trazer consigo reflexões históricas, compreensão do espaço em que vive sua trajetória e a situação de desigualdade social. A escola é um local onde a formação política deve acontecer através de conversa onde a democracia vivenciada diariamente permite formar cidadãos mais autônomos politicamente.

A ação política no Brasil infelizmente se limita a comparecer às eleições, e participar das decisões políticas do país é o primeiro passo para ter democracia e fazer valer os direitos sociais de todo cidadão. Quando se fala de cidadania Peruzzo (1998) adverte sobre a importância histórica da educação para a cidadania por contribuir com alterações no campo da cultura política, por meio da ampliação do espectro da participação política, não só em nível macro do poder político nacional, mas incrementando-a a partir do micro, da participação em nível local, das organizações populares e contribuindo para o processo de democratização e ampliação da conquista de direitos de cidadania.

O professor precisa, durante a sua formação acadêmica, conhecer e entender os princípios para se obter a cidadania, para proporcionar discussões sólidas para seus alunos. Com base em estudos realizados, Serrão e Freitas (2017, p. 421) afirma que os

docentes que recebem formação, contínua e inicial, para a EC recorrem com mais frequência do que os docentes que não beneficiaram dessa formação, às práticas que visam competências e conhecimentos, associados às normas sociais explícitas de cidadania, direitos e deveres dos cidadãos e à introdução de conteúdos sobre temas de cidadania, possíveis de avaliação.

Pimenta (2000) afirma que há uma desvalorização do professor por ser considerado um simples reprodutor do conhecimento, tornando seu trabalho cada vez mais necessário ao fazer mediações nos processos construtivos da cidadania dos alunos, para que assim supere a desigualdade escolar.

Os discentes precisam de formação teórica e prática que privilegie saberes sobre cidadania; os alunos necessitam entender seus direitos e discuti-los para compreender e buscar melhorias para a vida futura. Lucchesi (1999) afirma que “a escola deve subsidiar a transformação da sociedade, deve ser um canteiro que permita o germinar de uma pluralidade de ideias e de projetos pedagógicos, onde se consiga uma unidade entre teoria e prática, a verdadeira práxis” (LUCCHESI, 1999, p.111). A educação é um processo de socialização, que torna os discentes participantes da sua história e transmissores da civilização das futuras gerações, já a prática social da cidadania é responsabilidade da escola, família e sociedade.

A função da escola é dar oportunidades à criança um bom aprendizado de maneira crítica, compreendendo a realidade. Para que isso ocorra, a escola brasileira deve melhorar as condições de trabalho para o professor, atender as prioridades da comunidade a que serve, a fim de transformar a partir da cidadania. Alonso (1999) afirma em seus estudos que “formar o cidadão significa, hoje, torná-lo apto a compreender a dinâmica da sociedade e conseguir desenvolver mecanismos de participação no social” (ALONSO, 1999, p. 11).

Os professores se deparam com inúmeras situações diferentes do que foram preparados na universidade, e os mesmos agem de maneira equivocada por não saberem resolver as situações do cotidiano. Cobranças que vem da instituição, família e sociedade que exigem o que não está ao alcance destes profissionais,

transformando-os em frustrados por toda demanda em que se encontra no ambiente escolar.

As direções são muitas quando se pretende formar um educando em cidadão de bem, o professor precisa fazer escolhas com os valores morais e condutas a serem ensinadas, e atender necessidades com um grupo de crianças que tem histórias diferentes e que precisa de atenção. Assim, tanto o professor quanto o aluno passarão por essas escolhas.

A educação precisa cumprir a finalidade escolar que é o aprendizado significativo, o professor deve tentar assegurar ao aluno conhecimento crítico-reflexivo com apropriação dos acontecimentos sociais pelo acesso à cultura, ao trabalho e à cidadania. A prática pedagógica tem como seu objetivo primordial a prática social, inserindo o educando no ambiente social concreto.

CAPÍTULO III

3.1 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

É perceptível a importância da aprendizagem significativa para crianças do Ensino Fundamental I, por entendermos que a tomada de consciência do aprendizado sobre o seu valor e significado oportuniza aos professores e aos alunos uma melhor compreensão sobre aspectos cognitivos da sala de aula.

Percebe-se que as intervenções diárias sobre como promover um aprendizado significativo, tem sido objeto de estudo para muitos profissionais da educação, um dos teóricos respaldados nessa temática é Ausubel (1976) um encaminhamento cada vez mais prático de maneira que a sala de aula torne-se um ambiente propício para que a aprendizagem significativa ocorra.

Ausubel (1976) afirmou que a aprendizagem ocorre quando uma nova informação ancora-se em conceitos já presentes nas experiências de aprendizado anteriores o que também é defendido por Vygotsky (1996) na sua leitura sobre zona de desenvolvimento proximal e real, por isso, o fator mais importante que influencia na aprendizagem consiste no que o aluno já sabe. É a partir desse ponto de apoio, que deve decorrer a aprendizagem dos novos conceitos. Ou, como resume Moreira (2006, p. 38) “a aprendizagem significativa é o processo por meio de novas informações adquiridas através de significado e por interação (não associação) com aspectos relevantes preexistentes na estrutura cognitiva”.

É importante ressaltar que o novo conteúdo deve ter significativo e que esteja dando continuidade ao anterior para que o aluno sinta que o mesmo tem continuidade sendo assim, ele terá disposição para aprender. Para Vygotsky (1996), Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), é a distância entre o nível de desenvolvimento real, ou seja, determinado pela capacidade de resolver problemas independentemente, e o nível de desenvolvimento proximal, demarcado pela capacidade de solucionar problemas com ajuda de um parceiro mais experiente. Quando o aprendizado vem junto com as possibilidades de interação (aluno / aluno) flui com mais intensidade e significado.

De acordo com a teoria de Ausubel (1976), quando a aprendizagem significativa não se efetiva trazendo um conhecimento para a criança, o aluno se utiliza de um aprendizado que possa se fortalecer e aprender, nem que seja de maneira mecânica, isto é, ele decora o conteúdo que muitas vezes é um aprendizado temporal para ser avaliado, muitas vezes sem significativo, este aprendizado é armazenado de maneira isolada sem nenhum propósito de entendimento do conteúdo. Nos colégios esse aprendizado é facilmente falado pelos alunos, pois os mesmos sabem que esquecerão o conteúdo logo depois da avaliação.

Sendo Santos (2008, p. 33) “A aprendizagem somente ocorre se quatro condições básicas forem atendidas: a motivação, o interesse, a habilidade de compartilhar experiências e a habilidade de interagir com os diferentes contextos”. Então o aprendizado nas salas de aula pode contribuir com esses quatro elementos para que sejam significativos e prazerosos para os alunos.

O desafio que se estabelece para os educadores é: despertar motivos para a aprendizagem significativa a partir de vivências da sala de aula, e de perceber as dificuldades, limites e desafios que podem ser lançados, tornando as aulas interessantes para as crianças, em especial o social que traz consigo todo contexto de aprendizado a partir de um ambiente saudável, e dessa maneira trabalhar com conteúdos relevantes para que possam ser compartilhados em outras experiências (além da escola) e tornar a sala de aula um ambiente altamente estimulante para a aprendizagem.

Anastasiou (2006, p. 14) que afirma ser importante entender um pouco melhor quem são os alunos enquanto pessoas com sonhos, aspirações e até desesperanças, pois dessa maneira serão planejadas atividades nas quais eles se sintam convocados a “fazer aulas” com o professor.

Paulo Ronca (1996) faz o questionamento sobre a situação onde o professor se coloca em relação a “dar aulas” ao invés de “fazer aula” essa situação deixa refletir sobre “Se o papel do professor é dar aulas, enquanto ele dá a sua aula, o aluno faz o quê?” Essa expressão, traz consigo a época que o professor trazia tudo pronto para a sala de aula, onde os alunos recebiam o material feito pelos professores, as crianças não recortavam, pintavam e ou montavam suas próprias artes, as confeções eram construídas e apresentadas em classe pelas professoras.

Esse tipo de aula não é mais aceito pelo no ambiente educativo, o conceito de hoje está relacionado construção, é onde o professor e os alunos devem construir juntos, dar oportunidade para as crianças opinarem e colocarem em tudo que confeccionam sua identidade, cores e formas de que mais gostam, e assim ter uma característica própria de cada um.

Aprender é fruto de esforço. Esse esforço precisa ser a busca de uma solução, de uma resposta que nos satisfaça. Na medida em o professor se preocupa mais em dar respostas do que fazer perguntas, estaremos evitando que o aluno faça o necessário esforço para aprender. Eis o passaporte para a acomodação cognitiva. Dar a resposta é contar o final do filme. Poupa o sofrimento de vivenciar a angústia de imaginar diferentes e possíveis situações de exercitar o modelo de ensaio-e-erro, enfim, poupa o aluno do exercício da aprendizagem significativa.

Em muitos momentos, na escola, informações são passadas sem que os alunos tenham necessidade delas, logo, nossa função principal como professores é de gerar questionamentos, dúvidas, criar necessidade e não apresentar respostas.

Pensando dessa maneira, foram surgindo novas aprendizagens onde a criança tivesse sua participação, seu significado na sala de aula, e estudiosos e pesquisadores foram percebendo que quando a criança estava envolvida nos estudos relacionado ao seu espaço escolar as aulas tinham mais significado.

Segundo Novak (1976) é conveniente perceber os tipos de aprendizagem como: Cognitiva, afetiva e psicomotora. A aprendizagem cognitiva é a que resulta em armazenamento organizado de informações que se aprende. A afetiva pode ser identificada como prazer e dor, essa aprendizagem está ligada aos sentimentos. Em muitos momentos de conhecimento o cognitivo está ligado ao afetivo, normalmente essas duas andam juntas nesse processo de conhecimento. A aprendizagem psicomotora envolve respostas musculares adquiridas através de treinamento e prática, como tocar violão, piano.

Então, para que se tenha um aprendizado significativo o professor deve está reconhecendo o aprendizado afetivo antes de qualquer outra situação de aprendizado no ambiente escolar. É a partir dele que se reconhecem os primeiros passos de um espaço de conhecimento, se o afetivo está em situação equilibrada, o cognitivo avançará sem problemas aparentes.

Segundo Ausubel (1988), é indispensável para que haja uma aprendizagem significativa, que os alunos se predisponham a aprender significativamente. A aprendizagem sempre ocorrerá quando a intenção dos alunos for entender o significado do que estudam, o que os levam a relacionar o conteúdo com aprendizagens anteriores, com suas experiências pessoais, o que, por sua vez, os levam a avaliar o que vai sendo realizado e a perseverarem até conseguirem um grau aceitável de compreensão sobre o assunto.

Promover a aprendizagem significativa visa à formação do homem. É impossível ensinar liberdade, construir ideias, oprimindo participações e ditando verdades. Essas atitudes são essenciais para que iniciemos um real processo de transformação da prática educacional.

3.2 PRÁTICAS COLABORATIVAS

Segundo Serrão (2009), o trabalho colaborativo proporciona uma aprendizagem directa e faz circular muito mais informação no sistema educativo, na escola e na sala de aula. Hargreaves (1998 apud SERRÃO, 2009, p. 36) defende que desenvolvimento de práticas colaborativas constitui uma estratégia de desenvolvimento profissional, conduzindo-os “a uma maior disponibilidade para fazerem experiências e para correrem riscos”.

A aprendizagem colaborativa consiste em ter um só objetivo de conhecimento, com a mediação do professor, contribuindo e conduzindo para um resultado comum e desejado por todos. Envolver os alunos na construção e colaboração de novos conhecimentos é fundamental para aquisição de novas conquistas. Dillenbourg (1999) diz que essa é uma situação de aprendizagem na qual duas ou mais pessoas aprendem ou tentam aprender algo juntas. Então, a construção do conhecimento é feita de maneira coletiva, abrangendo a todos.

O desenvolvimento da prática colaborativa entre os alunos, trás consigo o desenvolvimento do senso de equipa, respeito mútuo levando o aluno a valorizar o outro como pessoa e profissional, além da liberdade de expor ideias livremente. Na aprendizagem colaborativa todos aprendem em conjunto, um aluno pode ajudar o outro a conquistar seu conhecimento, favorecendo a autonomia dos alunos, dessa

maneira, a estrutura formal tradicional de ensino pode se romper dando espaço para outras situações de aprendizagem.

A aprendizagem é um processo complexo que envolve educando, educador, sociedade, processo histórico-pedagógico, teorias da aprendizagem, filosofias e pensamentos, abrangendo as ideologias em todos os segmentos do conhecimento humano, a educação colaborativa envolve todos esses aspectos para acontecer. Para Gadotti (1999), colocar em prática o que os grandes educadores nos legaram não é, do ponto de vista geral, ficar preso à sua doutrina e, sim, fazer bom uso de suas experiências e tirar o melhor que o momento exige para a aplicação na produção do conhecimento.

Em um contexto escolar, a aprendizagem colaborativa seria duas ou mais pessoas trabalhando em grupos com objetivos compartilhados, auxiliando-se mutuamente na construção de conhecimento. Ao professor não basta apenas colocar, de forma desordenada, os alunos em grupo, deve sim criar situações de aprendizagem em que possam ocorrer trocas significativas entre os alunos e entre estes e o professor. Essa troca traz o sentimento de partilha, envolvimento, respeito. Todos se envolvem e um trabalho realizado dessa maneira tem mais significado para todos que estão colaborando.

As leituras relacionadas a práticas colaborativas levam a entender que o trabalho em grupo relacionado ao respeito está direcionado a tecnologias, internet, redes sociais. A tecnologia pode enfatizar o ensino e aprendizado colaborativo, tendo em vista que há uma facilidade entre as pessoas de formarem grupo e se comunicarem, práticas educacionais tendem a se envolver com tecnologia e respeito mútuo. Sendo assim, a “construção do conhecimento com base na colaboração, cooperação, alfabetização digital e respeito à diversidade” (SPAGNOLO; MANTOVANI, 2013, p. 9).

As novas práticas educacionais colaborativas devem valorizar a interação, pois o objetivo da mesma é trabalhar em grupo respeitando as singularidades, autonomia e para que tudo isso chegue até a prática dos professores, deve-se inovar em sala de aula, dando oportunidade ao professor de se atualizar e valorizar o espaço de conhecimento vivenciado por eles. Sendo assim, “para ensinar e aprender, é preciso viver e conviver com o outro, relacionar-se e estabelecer vínculos de cooperação” (SPAGNOLO; MANTOVANI, 2013, p. 8).

Reconhecer que ambas as práticas são complementares e vêm em oposição ao sistema de ensino dominante, baseado numa pedagogia autoritária, hierárquica e unilateral. Essas novas práticas estimulam uma socialização no processo de ensino-aprendizagem, e ao cognitivo em que indivíduos em grupos solucionam problemas em comum e, acima de tudo, constroem conhecimento socialmente relevante (IRALA, 2005).

CAPÍTULO IV

4. METODOLOGIA

Desvendar o mundo é uma necessidade do ser humano, as inquietações o fazem buscar respostas que contemplem a sua curiosidade. A cada achado, novas indagações se evidenciam, o que leva a novas necessidades a aperfeiçoar as formas de conhecer a realidade, a partir daí vai surgindo uma busca mais específica sobre essa realidade, como acontece nos trabalhos de pesquisa.

Na expectativa de obter informação concreta sobre um tema que nos suscita curiosidade, surgem os primeiros passos para a pesquisa científica, os quais, segundo Severino (2000, p. 17) passa por conhecer o novo e resultam de um “conjunto de processos de estudo, de reflexão que caracterizam a vida intelectual”, o qual eclode como processo de construção, tendo como meta principal gerar conhecimento. É um processo de aprendizagem tanto do indivíduo que a realiza como da sociedade onde se desenvolve.

A pesquisa científica busca informações através de estudos para um determinado fim, a investigação dá-se através de uma opção metodológica que pode ser de natureza quantitativa e/ou qualitativa, onde a primeira apoia-se em “números, usa modelos estatísticos para explicar dados” (BAUER; GASKELL, 2002, p.22). Enquanto na abordagem qualitativa, segundo Ludke e André (1986), a pesquisa qualitativa pode assumir várias formas, como a pesquisa etnográfica, estudo de caso, etc., que são recorrentes nos paradigmas de investigação interpretativos e particularmente nas ciências de educação.

A pesquisa do tipo qualitativa busca compreender situações do cotidiano realçando a importância das mesmas e relacionando com a interação simbólica e cultural para compreender o seu contexto vivenciado. Godoy (1995) aborda a pesquisa qualitativa de forma semelhante, enfatizando também a perspectiva integrada, em que o pesquisador vai a campo captar o fenômeno a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas.

Segundo Erikson (1986) muitos paradigmas englobam um conjunto de correntes, cujo interesse das mesmas está centrado no estudo de significados das ações humanas e da vida social, destes paradigmas está o interpretativo, onde

incorpora dados qualitativos fenomenológicos. A educação busca direcionamento em relação aos aspectos motivacionais, à vivência e troca de experiência, pois essa relação de convívio social traz inúmeros significados o que direciona para a pesquisa qualitativa.

A pesquisa qualitativa requer dinamismo para as variáveis que na sua maioria não admitem muitas regras e há uma flexibilidade. A estruturação prévia estabelecida pode ser alterada, conforme a pesquisa vai ganhando forma, a partir dos direcionamentos tomados. Sendo assim, Mazzotti e Gewandsznajder (1998, p. 14) sustentam a hipótese de que as “investigações qualitativas por sua diversidade não admitem regras precisas, aplicáveis a uma ampla gama de casos”.

Sendo assim, atendendo ao objetivo geral e objetivos específicos, a pesquisa desenvolvida neste trabalho enquadra-se no paradigma interpretativo e tem uma abordagem metodológica qualitativa com técnicas de investigação que envolve recolha, tratamento e análise de dados, relativamente ao caso em estudo.

4.1 DESENHO DE INVESTIGAÇÃO

A iniciação científica começa pela produção de novos conhecimentos, é a partir das interações sociais que começa a busca por novas investigações, essa nova conquista, segundo Mazzotti (2006, p. 638) “é um processo de produção do conhecimento científico que pode ser visto como uma espécie de conversa, uma interlocução contínua entre pesquisadores de uma dada área de interesse”.

O conhecimento sobre a teoria do que está sendo observado favorece a análise no ambiente da pesquisa, a base teórica é fundamental para a validade e fiabilidade da investigação. Aliar a teoria à prática no contexto da observação, ou através de outras técnicas de investigação, na pesquisa científica é, portanto dar sentido a pesquisa realizada.

A pesquisa científica no estudo de caso evidencia a investigação empírica através da observação de um fato real que pode acontecer em grupo ou individualmente. Nesse sentido Yin (2010, p. 39) explica que “o estudo de caso investiga fenômenos contemporâneos em profundidade e em seu contexto de vida

real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente evidentes”.

O estudo de caso consiste em uma maneira de aprofundar um aspecto individualizado dentro do tema abordado, respondendo a questionamentos onde o pesquisador aprofunda em um fenômeno de interesse relevante.

A pesquisa com coleta de dados deve ser planejada a partir de dados coletados através de observações, entrevistas, entre outras técnicas. Dessa maneira, neste estudo, foi escolhida a observação e o inquérito por questionário para seguir a pesquisa e respetiva coleta de dados, onde através da rotina semanal de observações pode-se recolher a informação sobre as situações que envolvam conflitos na escola e compreender como podem ser resolvidos através da intervenção dos agentes educativos.

Para Yin (2010, p. 40) a investigação do estudo de caso conta com várias fontes de evidência, uma delas, é através da observação que tem o convívio direto com o objeto da pesquisa.

A coleta de dados, através da técnica de observação, possibilita a obtenção de informação rica sobre o objeto de investigação para uma análise aprofundada, a partir de evidências empíricas cotidianas. Trata-se uma técnica que, segundo Yin (2005, p. 26-27) dá-nos a possibilidade de “lidar com uma ampla variedade de evidências, documentos, artefatos, entrevistas e observações”.

A coleta de dados com observação foi realizada na escola X, na Cidade de Feira de Santana, com estudantes do 5.º Ano e com a professora regente, que além de observada também será entrevistada.

Constitui uma técnica alternativa para se coletarem dados não documentados sobre determinado tema. É uma técnica de interação social, uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca obter dados, e a outra se apresenta como fonte de informação. A entrevista pode ter caráter exploratório ou ser uma coleta de informações (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 72).

A observação é uma técnica de recolha de dados recorrente nos paradigmas de investigação de natureza qualitativa e particularmente nas ciências de educação. A pesquisa por meio da observação dá ao investigador a possibilidade de conseguir dados sobre uma da realidade, circunscrita à problemática e ao objeto em estudo. Esses dados são peças de informação coletadas por meio da observação sistemática

de casos ou da vivência do cotidiano das pessoas a observação dos eventos enquanto eles acontecem (Lankshear; Knobel, 2008).

Na presente pesquisa esta técnica torna-se interessante pela possibilidade de interpretar os dados recolhidos de uma dada vivência e, assim, entender os conflitos entre crianças e conhecer a interação social existente no ambiente escolar, de acordo com o objetivo geral do estudo.

A observação ajuda o pesquisador a vivenciar o cotidiano e a entender o objeto real da pesquisa “identificando e obtendo provas a respeito de objetivos os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento.” (MARCONI; LAKATOS, 2010, p.174).

“A evidência observacional é frequentemente útil para proporcionar informação adicional sobre o tópico que está sendo estudado” (YIN, 2010, p. 136). A partir das observações será descrito o convívio entre os participantes e outros tipos de interações sociais que, neste caso, será entre os alunos de uma escola pública do estado da Bahia, para pesquisar sobre esses dados será necessário um plano de observação onde terá dias e horários predeterminados onde realizará a coleta de dados.

A pesquisa de campo seguirá com a observação não participante, onde apesar de manter contanto e está próximo do objeto de estudo, o pesquisador não faz intervenções para não interferir no espaço observado. “A qual será realizada, o pesquisador toma contato com a comunidade, grupo ou realidade estudada, mas sem integrar-se a ela” (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 176).

Buscar respostas que visam responder os objetivos da pesquisa através de dados observáveis e de entrevista leva o pesquisador a uma dinâmica diária durante seus estudos.

A oportunidade de observar crianças em uma escola pública de ensino fundamental I proporciona ao pesquisador compreender a dinâmica da aula que transcorre diariamente e entender as atitudes da professora diante da rotina, já que a mesma será a entrevistada. Sendo assim, nessa perspectiva, observa-se a entrevistada antes da entrevista acontecer de fato, apesar de conhecê-la antecipadamente, tem-se que, separar os procedimentos para que o mesmo aconteça de maneira coerente e correta.

A entrevista é uma parte importante da pesquisa, requer organização para a elaboração das perguntas e escolha do entrevistado que deve ser especializado no assunto, nela o entrevistador deve realizar as perguntas permeando os objetivos a ser alcançado, o entrevistado deve estar ciente do que irá fazer, portanto a mesma deve ser marcada com antecedência. Sendo assim, a entrevista segundo Ruiz (2011, p. 51) “Consiste no diálogo com o objetivo de colher, de determinada fonte, de determinada pessoa ou informante, dados relevantes para a pesquisa em andamento”.

O contato inicial com a entrevistada, em uma pesquisa em sala de aula com crianças, se inicia a partir da coleta de dados durante a observação, sendo assim, apesar da pesquisa ter por finalidade ser de cunho não participante. A pesquisadora tem contato direto com a entrevistada antes que a mesma aconteça.

A entrevista é a semiestruturada, onde as perguntas podem ser abertas e o entrevistador pode discorrer sobre o tema proposto. O entrevistador direciona as perguntas a partir do objetivo da pesquisa. Nesse tipo de entrevista a fala é livre podendo haver uma conversa, que deixe o entrevistado bem descontraído. (BARROS; LEHFELD, 2010).

Assim, na presente pesquisa, a entrevista realizada foi de cunho semiestruturada, de modo a recolher as informações necessárias à pesquisa e aos seus objetivos, de maneira organizada previamente um conjunto de questões sobre o tema em estudo e, além disso, permitiu que a entrevistada falasse livremente sobre os assuntos no guia da entrevista (ver Anexo C).

Nesta escola foram feitas observações não participante, onde o “pesquisador não se integra ao grupo observado, permanecendo de fora. Presencia o fato, mas não participa dele, não se deixa envolver pelas situações, faz mais o papel de espectador” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p.74), tal como consta no guia de observação (Ver Anexo A). Assim, observadas sobre as interações entre o professor e as crianças e entre as crianças no momento de aula, já no espaço fora da sala de aula, ou seja, no recreio e/ou intervalo, foram realizadas com os grupos de 5.º Ano.

4.2 TÉCNICAS DE RECOLHA DE DADOS

4.2.1 OBSERVAÇÃO

A pesquisa por meio da observação dá ao investigador a possibilidade de conseguir dados sobre uma dada realidade, circunscrita à problemática e ao objeto em estudo. Esses dados são informações coletadas por meio de casos dos eventos enquanto eles acontecem (LANKSHEAR; KNOBEL, 2008).

A observação é uma técnica de recolha muito usada nos paradigmas de investigação de natureza qualitativa e particularmente nas ciências de educação. Neste sentido, Serrão (2015) considera que a observação, como técnica de recolha de dados, é frequentemente considerada pelos docentes e investigadores em vários contextos educacionais. Noutra perspetiva, a observação pode ser vista como “um instrumento de coleta de dados que permite a socialização sistemática do comportamento dos organismos, em situação natural ou de laboratório” (DANNA; MATOS, 1986, p. 28).

O pesquisador não deve se envolver durante as observações dando maior ênfase ao trabalho de pesquisa científica, como não participante, para que o mesmo possa cumprir a veracidade dos fatos diante da pesquisa.

A presente pesquisa tornou-se interessante pela possibilidade de interpretar os dados recolhidos de uma dada vivência e, assim, entender os conflitos entre crianças e conhecer a interação social existente no ambiente escolar, de acordo com o objetivo geral do estudo os “dados coletados por observação são usados para diagnosticar a situação-problema, para escolher as técnicas e procedimentos a serem empregados e para avaliar a eficácia dessas técnicas e procedimentos” (DANNA; MATOS, 1986, p.29). Além disso, a “evidência observacional é frequentemente útil para proporcionar informação adicional sobre o tópico que está sendo estudado” (YIN, 2010, p.136).

A observação científica difere-se da observação do dia-a-dia, pois esta última não tem objetivo pré-estabelecido. A observação cotidiana é realizada em um espaço de convivência social diária, sem interpretação dos dados e sem procedimento de pesquisa, já a observação científica que é sistemática e objetiva, caracteriza-se pelo

direcionamento da pesquisa realizada, toda observação tem um relato escrito e objetivo a serem cumpridos. A observação é “sistemática pelo fato de ser planejada e conduzida em função de um objetivo” (DANNA; MATOS, 1986, p. 30).

Neste caso, a partir das observações foi descrito o convívio entre os participantes e outros tipos de interações sociais que aconteceram entre os alunos de uma escola pública do Estado da Bahia, cuja recolha de dados foi realizada mediante um plano de observação onde houve dias e horários predeterminados para a sua realização no campo da investigação e com base nas especificidades dos dados pretendidos e definidos nos objetivos da pesquisa. Questão a ser retomada mais adiante.

Na organização e no planejamento para a ida até ao ambiente escolar para a observação foram necessários instrumentos previamente escolhidos. “Este conduzirá o pesquisador à tarefa, através de um esquema previamente planejado”

“A pesquisa através do trabalho de campo visa reunir e organizar um conjunto comprobatório de informações” (CHIZZOTTI, 1991, p. 103). A pesquisa de campo através das observações leva a perceber um pouco da prática realizada pela docente na sua rotina diária.

A pesquisa com observação traz aspectos do cotidiano das crianças, dentro de um período ininterrupto de tempo, ou seja, traz informações relevantes através de registro, buscando a sequência temporal em que os fatos se dão (Danna, 1986).

Para realizar a coleta de dados através da observação foi necessário muita dedicação, pois o objeto de estudo foi muito exigente e complexo, ou seja, corresponde ao conjunto de pessoas que estão em um ambiente escolar. “Observar um processo que incluye la atención voluntaria y la inteligencia, orientadas por um objetivo terminal u organizador, y que está dirigido sobre um objeto para obtener de él información” (DE KATELE, 1980, p. 27).

Para seguir os parâmetros de observação de maneira organizada, segundo as exigências éticas, a pesquisa avançou-se com o guia de observação que especificou áreas físicas e situações de convívio e interação no ambiente escolar (Ver anexo A). Tais como: nome do observador; objetivo da observação; data da observação; horário da observação; relato breve do ambiente físico; descrição dos sujeitos observados; registro da interação das crianças dentro da sala; registro da interação das crianças

fora da sala de aula. Assuntos que abordaremos nos pontos seguintes com mais detalhe.

Refira-se ainda que neste trabalho o papel da investigadora foi não participante para manter o distanciamento necessário, de modo a não interferir no meio onde foram recolhidos os dados. Para Estrela (1986) a posição do investigador quando assume o papel de observador não participante deve manter-se com “distanciação, pois, se assenta no princípio da não interferência, ou seja, da não participação” ESTRELA, 1986, p.49), o investigador é o que observa, procurando não ter qualquer forma de interferência na realidade.

4.2.2 GUIA DE OBSERVAÇÃO

Para uma melhor sistematização dos dados o guia de observação revela-se importante para recolher informação necessária, focalizando o objeto de estudo. “As anotações de campo compreendem relatos bastante detalhados do que foi observado” (LANKSHEAR; KNOBEL, 2008, p. 195). As anotações das observações seguem o objetivo da pesquisa, pois somente a partir desses registros a pesquisa segue o seu caminho de maneira adequada.

As anotações foram realizadas durante as observações de modo a garantir a confiabilidade dos fatos observados.

Neste sentido, o guia de observação utilizado foi construído de modo a registrar e descrever de forma sistematizada o que foi observado mediante os objetivos específicos da observação (ver Anexo A). Tais como:

1. Observar como as crianças se relacionam;
2. Observar as situações de convívio social entre crianças com mesmo nível etário;
3. Observar situação de conflitos entre crianças de diferentes idades (momento livre-recreio);
4. Observar o convívio social entre professor e aluno;
5. Observar como são solucionadas as questões de conflitos.

4.2.3 ENTREVISTA

A pesquisa por meio da entrevista é outra técnica bastante utilizada na área da educação. Nas coletas de dados, a entrevista aparece como uma das maneiras do pesquisador buscar informações sobre o tema de estudo escolhido. A entrevista é uma conversa, a fim de obter informações de natureza profissional, entre duas pessoas sobre um assunto específico relacionado com a pesquisa, a fim de obter informações sobre o tema estudado. Ou seja, “é um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social” (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 178).

A entrevista “consiste no desenvolvimento de precisão, focalização, fidedignidade e validade de certo ato social como a conversação” (GOODE; HATT, 1969, p. 237).

Com o objetivo de analisar e conhecer a proposta da instituição sobre as intervenções realizadas a partir das relações de conflitos com as crianças no ambiente escolar foi direcionada entrevista como meio de obter a comunicação com a profissional que teve uma relação mais próxima com as crianças. Segundo Chizzotti (1995) a entrevista é diretamente ligada à obtenção de informações sobre o entrevistado, ou seja, “os objetivos da pesquisa fazem variar o grau de liberdade entre os interlocutores e o tipo de resposta do entrevistado” (p. 58), sendo assim, foi escolhido o tipo de entrevista semiestruturada, cumprindo um rigor nas perguntas e respostas da entrevista, mantendo a liberdade para colocar situações que surja por interesse de ambos.

Na entrevista semiestruturada, o entrevistador se organiza por um guia com temas previamente organizado, obedecendo ao rigor da temática e aos temas a abordar durante a entrevista. Deste modo, o entrevistador pode alterar a ordem das questões preparadas ou introduzir novas questões no decorrer da entrevista, solicitando esclarecimentos ou informação adicional Simões (2006). Sendo assim, o entrevistado tem a liberdade de abordar outros temas durante a entrevista para justificar respostas feitas pelo entrevistador. Flick (2005, p. 77) explica que a entrevista semiestruturada passou a ser amplamente usada por os “pontos de vistas dos sujeitos serem mais facilmente expressos numa situação de entrevista relativamente aberta do que numa entrevista estruturada ou num questionário.”

A entrevista dá oportunidade para obtenção de dados relevantes que não se encontram nas observações e em dados documentais. Assim, “a entrevista, que visa obter respostas válidas e informações pertinentes, é uma verdadeira arte, que se aprimora com o tempo, com treino e com experiência. Exige habilidade e sensibilidade; não é tarefa fácil, mas é básica” (MARCONI; LAKATOS, 2010, p.182). Neste sentido, o entrevistador deve ser cordial e criar um ambiente de confiança, onde o entrevistado sinta-se confortável para responder às perguntas.

O entrevistador deve ser imparcial nas perguntas realizadas, não influenciando, nem dando opiniões. A entrevista fluiu com requisitos de respeito e educação na opinião da participante. Para Chizzotti (1995, p. 58) explicar antecipadamente os objetivos para o entrevistado pode “almejar com a entrevista e a criação de um clima de colaboração e confiança”.

A entrevista foi realizada individualmente de forma livre, garantindo o anonimato e a confidencialidade, procedendo-se posteriormente à sua transcrição e à sua verificação junto da participante. Assim, face ao contexto e aos objetivos da investigação a entrevista foi realizada com o propósito de compreender interação social e a resolução de conflito no ambiente escolar com o objetivo de compreender como a professora chegou à instituição, sua experiência na série que leciona, entender as relações de conflitos e suas experiências, as relações de amizade, e como se dar a autonomia no espaço de convivência escolar.

4.2.4 GUIA DE ENTREVISTAS

As questões para o guia de entrevista foram estruturadas de acordo com os objetivos do estudo e, por sua vez, de acordo com o referencial teórico da investigação. A entrevista teve perguntas abertas, também classificadas como livres e foram respondidas sem restrições (ver Anexo C).

O objetivo e o guia de entrevista deram direcionamento às perguntas realizadas, mostrando a confiabilidade da pesquisa, fluindo através da coerência das perguntas realizadas e da convivência com a entrevistada, o que deu oportunidade para uma conversa informal além das perguntas realizadas.

4.2.5 RECOLHA DOCUMENTAL

Na realização de uma pesquisa científica pode se deparar com diversas etapas, podendo surgir obstáculos na sua execução. Essas dificuldades são associadas, ao desconhecimento e, dos métodos ou técnicas empregadas.

No término da pesquisa de coleta de dados vem a parte um pouco exaustiva da pesquisa que se não realizada adequadamente pode comprometer toda a pesquisa.

No universo das pesquisas qualitativas, a escolha de método e técnicas para a análise de dados, deve obrigatoriamente proporcionar um olhar multifacetado sobre a totalidade dos dados recolhidos no período de coleta, tal fato se deve, invariavelmente, à pluralidade de significados atribuídos ao produtor de tais dados, ou seja, seu caráter polissêmico numa abordagem naturalística. (CAMPOS, 2004, p.611).

A análise de dados qualitativos é o conteúdo, compreendido como procedimento de técnicas de pesquisa cujo objetivo é a busca do sentido no trabalho desenvolvido.

A recolha documental, enquanto parte da investigação da realidade social, traz a certeza que a investigação foi realizada, esta se refere à parte prática da pesquisa e dessa forma, inicialmente é preciso conhecer as técnicas para executar a pesquisa e adquirir toda a documentação necessária para que possa ser fundamentada.

Os documentos são todas as realizações produzidas pelo homem que se mostram como indícios de sua ação e que podem revelar suas ideias, opiniões e formas de atuar e viver. Nesta concepção é possível apontar vários tipos de documentos: os escritos; os numéricos ou estatísticos; os de reprodução de som e imagem, e os documentos-objeto (BRAVO, 1991).

Nesta perspectiva, a recolha documental permite a investigação de determinada problemática não em sua interação imediata, mas de forma indireta, por meio do estudo dos documentos que são produzidos pelo homem e por isso revelam o seu modo de ser, viver e compreender um fato social. Estudar documentos implica fazê-lo a partir do ponto de vista de quem os produziu, isso requer cuidado e perícia por parte do pesquisador para não comprometer a validade do estudo. (FERREIRA, 2004, p.3).

Para Callado e Ferreira (2004) os espaços de pesquisa são orientados pela própria natureza do estudo, portanto a localização dos documentos pode ser muito

diversificada. Essa distinção vai exigir que o pesquisado tivesse conhecimento do tipo de registro e informações que abrigam as instituições visitadas e a seleção de fontes adequadas.

A análise de conteúdo é para Bravo (1991) e Triviños (1987) a técnica mais elaborada e de maior prestígio no campo da observação documental e constitui-se como meio para estudar as comunicações entre os homens enfatizando o conteúdo das mensagens por eles emitidas. Segundo Bardin (2006, p.60).

É um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição dos conteúdos das mensagens, obter indicadores quantitativos ou não que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/ recepção (variáveis inferidas) das mensagens (apud TRIVIÑOS, 1987, p.160).

Na recolha documental, parte-se de um amplo e complexo conjunto de dados para se chegar a elementos manipuláveis em que as relações são estabelecidas e obtidas as conclusões. Os procedimentos e posturas mencionadas exigem a sensibilidade, a intencionalidade e a competência teórica do pesquisador, pois desde o acesso e a seleção do acervo documental, a análise dos dados até a comunicação dos resultados constitui-se em um processo sistemático, exaustivo, coerente, sensível.

4.2.6 PROCEDIMENTOS

A escola possui um papel fundamental na vida das crianças e nos seus processos de ensino e de aprendizagem. A escola é o lugar onde se fazem amigos, se produz conhecimento e onde se interage com todos os elementos da comunidade escolar, sendo um ambiente em que a interação social e os conflitos ocorrem a todo instante. Assim, pretendeu-se pesquisar, aprofundar e compreender a natureza dessas interações no ambiente escolar, tendo presentes os valores morais.

A pesquisa teve o propósito de observar as situações de conflito no ambiente escolar, através de um plano de observação com mês, dia, hora, para que a observação cumprisse o seu rigor investigativo como consta no cronograma (ver Anexo B).

O processo da pesquisa se iniciou com as orientações sobre o processo de escrita da dissertação, com isso vieram às etapas relacionadas à autorização para ida até a instituição de ensino que seria observada, depois de conversar com os profissionais do colégio que autorizaram a ida a partir da entrega de um documento da universidade se iniciaram as observações (ver anexo A), que foram feitas no turno da tarde no 5.º ano realizadas em dois dias da semana com duração de duas horas cada dia.

Atendendo aos procedimentos eticamente exigíveis, para que a observação pudesse acontecer fez-se um pedido prévio de autorização e o envio de um ofício à direção da escola para a realização das observações, determinando a turma, dias e a duração das observações realizadas na escola, no qual, por razões das exigências de confidencialidade.

Ainda, em relação às questões éticas, houve o cuidado de solicitar aos pais e/ou encarregados de educação, através da docente titular da turma, autorização para que as crianças participantes pudessem ser observadas, com as garantias de confidencialidade das respectivas identidades (ver Anexo E). Além disso, com base no regulamento sobre o Conselho de ética, realizou-se a pesquisa com todas as resoluções relacionadas à ética e à integridade física e psicossocial das crianças com observações, onde o nome e direito de imagem são preservados.

A escolha dos dias/meses referente às observações foi feita pelo calendário escolar do estado da Bahia, que tem um calendário letivo até o início do mês de dezembro e, atendendo ao cronograma da presente dissertação foi realizada nos três últimos meses do ano letivo de 2016 (ver Anexo B).

A pesquisa com observação traz aspectos do cotidiano das crianças, dentro de um período ininterrupto de tempo, ou seja, traz informações relevantes através de registro, buscando a sequência temporal em que os fatos se dão (DANNA,1986).

Houve também a entrevista que foi realizada com a professora da série observada (ver Anexo C) a mesma foi objetiva em responder as perguntas que foram lançadas, muito breves respondeu de maneira categórica tudo que perguntado. Apartir das perguntas foi possível perceber como ela organiza seu pensamento em relação às suas atitudes no momento da aula.

A entrevista dá oportunidade para obtenção de dados relevantes que não se encontram nas observações e em dados documentais é algo próximo, vivido e documentado, uma experiência registrada e concretizada através de perguntas do espaço que se convive.

CAPÍTULO V

5. TRATAMENTO E ANÁLISE DE DADOS

5.1 OBSERVAÇÕES

Atendendo aos objetivos da observação e na base das opções metodológica, procede-se, neste capítulo, ao tratamento e à análise das observações efetuadas no contexto da pesquisa sobre relações interpessoais e resoluções de conflitos e ambiente escolar.

A investigadora, durante as observações, procurou não se envolver nem interagir com o grupo alunos que observava, havendo a preocupação em recolher os dados de forma rigorosa e neutra, tendo em vista os seus objetivos específicos. Assim, tendo em conta o quadro teórico de referência, as observações foram realizadas de acordo com os objetivos da investigação, segundo as descrições referidas no ponto referente às técnicas de recolha de dados.

As observações realizaram-se, segundo as exigências éticas, a pesquisa avançou com o protocolo de observação que especificou áreas físicas e situações de convívio e interação no ambiente escolar e com as autorizações formais requeridas (ver Anexo D) que se refere ao ofício da faculdade para autorização da observação, autorização do colégio para observação no espaço físico da mesma, guia de observação, plano de observação, guia de entrevista.

As observações foram realizadas no Colégio X, no Bairro parque Ipê, na cidade de Feira de Santana-Bahia - Brasil, um colégio com um espaço físico amplo aberto e outro espaço fechado (com cobertura), arborizado, com bancos de cimento para as crianças lancharem e descasarem no intervalo das aulas (recreio), mesas e cadeiras na parte coberta com jogos para se distraírem nos momentos oportunos, diversas salas, cozinha, banheiro social para crianças e para adultos, secretaria, área de recreação e diretoria. As observações foram realizadas com crianças do 5.º Ano nos meses de outubro, novembro e dezembro do ano de 2016 em sala com uma professora para o grupo de 30 crianças. Refira-se que por razões éticas as

observações das crianças foram realizadas mediante o consentimento dos pais conforme ilustra o anexo E (ver Anexo E).

Durante as dezessete observações realizadas no período de duas horas no turno da tarde duas vezes por semana, foram registadas interações entre a professora e os alunos. As observações foram focalizadas na prática da professora e nas suas interações com os alunos, abrangendo o maior número de contextos, inclusive o do intervalo.

Antes de iniciar as observações, a investigadora foi ao colégio para perceber sua estrutura física e educacional para que pudesse analisar o contexto social percebendo se haveria condições de realizar as observações, sendo a mesma localizada em bairro periférico e se haveria um contexto adequado para assegurar a observação com o objetivo de pesquisa.

Foram realizados alguns procedimentos e cuidados para o início das observações, por parte da investigadora, no que concerne à identidade das crianças. Assim, por razões éticas, de maneira a salvaguardar a identidade dos alunos, foram atribuídos nomes fictícios aos participantes.

5.2 OBSERVAÇÕES EM CONTEXTO DE SALA DE AULA

As observações iniciaram no horário combinado. As notas de campo foram registadas conforme o que ia acontecendo in loco, contudo foram assinaladas algumas inferências sempre que se justificassem no decorrer das observações, conforme o guia das observações (ver Anexo A). A análise dos dados é apresentada com base nas aulas observadas, como ilustram as notas de campo que se seguem.

No início da observação, dia 04 de outubro, a investigadora chegou ao colégio no horário determinado e conversou com a diretora para que fosse conduzida até a sala onde seria realizada a observação, sendo a observação não participante, a mesma se posicionou no fundo da sala em uma cadeira para que assim pudesse observar todo o ambiente.

Em um local como uma sala de aula, com crianças que tem em média de 10 a 11 anos de idade, é um pouco difícil realizar uma pesquisa com observação sem que elas conversem com a investigadora. Então, nestas situações a mesma, responde

alguns questionamentos de maneira breve e objetiva, mantendo o distanciamento necessário para não perturbar a naturalidade da recolha de dados.

A sala tem trinta alunos, quinze meninos e quinze meninas, composta de trinta cadeiras, quantidade exata de alunos, uma mesa e uma cadeira para a professora. Na sala há móveis que auxiliam a professora nas aulas, uma televisão, mapas do Brasil, Nordeste e do estado da Bahia, material didático, a sala é bem iluminada, ampla com oito janelas e com dois ventiladores que ajudam a amenizar o calor no turno da tarde que é bastante intenso, a estante de livros que dão um suporte para crianças que gostam de ler (Observação realizada em 04.10.2016).

As observações se reiniciaram na semana seguinte, 18 de outubro de 2016, a investigadora seguiu o horário predeterminado às 14 horas, a porta estava aberta e a mesma entrou em silêncio e sentou, e iniciou a observação.

A aula foi sobre História da Bahia e a professora fez atividades em grupos, a professora separou os grupos, e explicou a separação falando: “Vou colocar os mais responsáveis com os menos responsáveis, pois um ajuda o outro”, falou isso para que todos ouvissem e chamou e identificou às crianças pela sua responsabilidade perante o grupo [No ambiente de sala de aula, não seria a postura mais adequada].

Esta postura de identificar as crianças pela responsabilidade poderia ser realizada sem expor, ela poderia separar pelos seus critérios sem que as crianças soubessem, chamando pelos nomes e agrupando, eles não saberiam o motivo da escolha e fariam de maneira organizada um ajudando o outro realizando o objetivo da atividade. Esse tipo de atitude pode provocar baixo autoestima, pois os mesmos que são considerados irresponsáveis pela professora não se sentem bem podendo ter uma postura de agressividade no espaço da sala de aula.

A exposição indevida de criança e adolescente, a par de todas as normas referidas, é ato ilegal e afronta o direito líquido e certo da criança, direito esse consubstanciado especificamente nos artigos 15, 17 e 18 Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Os grupos começaram a atividade fazendo bastante barulho na sala, a professora como sempre chamava uma criança de cada vez para realizar uma sabatina da tabuada, percebo que cada criança “toma” (ato de arguir cálculos matemáticos) a tabuada de multiplicação. Se a criança souber todos os cálculos ela avança se não souber fica na mesma tabuada. Depois que terminou, a professora

olhou para mim e se referiu às crianças falando: “Não estudam, não querem nada, por isso não passam na tabuada” [A investigadora ficou calada, e sem mencionar opinião] a professora querendo algum apoio do que tinha citado sobre as crianças que tinham “tomado” a tabuada, repete a mesma frase e novamente olha para mim [continuo calada, já que não posso interferir no espaço de sala de aula].

A relação entre professor e aluno deve ser de confiança, de troca e de desafios. O aluno deve se sentir seguro e ir à busca de quem traz confiança e no ambiente da sala de aula, é o professor. Mas não se percebe no diálogo acima, essa segurança da professora para com os alunos, pois a mesma fala sobre o aluno em voz alta, por vezes denegrindo sua imagem.

É na relação entre professor vs. aluno no ambiente escolar que se percebe a preocupação que o professor tem em reconhecê-los como indivíduos autônomos em busca de sua identidade. Esta relação é uma condição do processo ensino/aprendizagem, ela dinamiza e dá sentido ao processo educativo.

Depois que o trabalho começou e as divisões foram feitas, um menino se recusa a continuar no grupo em que está e reclama com a professora pedindo que o troque de grupo e ela responde: “Não quer fazer atividade, fica em casa”. Ele cruzou os braços fazendo menção a que não iria realizar a atividade, mas não reclamou nem interferiu de maneira negativa o grupo [Perguntar o motivo pelo qual ele se recusa a está naquele grupo seria a melhor maneira de tentar resolver a situação].

Para Piaget (1994) a relação com o outro é fundamental para o desenvolvimento sociomoral da criança. Nesse sentido, as relações interpessoais perpassam todo o processo de desenvolvimento e aprendizagem de sujeitos, seja no ambiente escolar ou em casa. Entretanto, nem todas as interações com as pessoas são harmônicas, visto que muitas delas chegam a um desequilíbrio gerando os conflitos.

Apesar de a criança ter rejeitado ficar no grupo em que foi escolhida, a professora precisava pensar nas crianças do grupo que foram rejeitadas, pois houve algum motivo para ele não aceitasse realizar a atividade, a intervenção deveria ter sido realizada, no momento, com o menino, fora da sala, para não expor nenhuma das partes.

Para Vinha (2004), os conflitos interpessoais estão intimamente ligados à moralidade e se trata de um dos maiores problemas enfrentados pelos educadores no ambiente escolar.

A moralidade é ensinada a todo o momento. O professor passa mensagens e valores constantemente. Qualquer professor transmite valores e regras nos livros didáticos, na organização institucional. Para cada regra da escola, temos de pensar se ela é realmente necessária, se está prejudicando a aprendizagem e o desenvolvimento da criança. Tudo tem que ter um sentido de existir (VINHA, 1999, p. 21).

O sinal tocou pela primeira vez, é o horário do segundo e terceiro ano irem ao recreio. As crianças continuaram a atividade e logo depois o sinal tocou novamente e eles saíram para o intervalo (Observação realizada em 18.10.2016).

Durante a observação do dia 19 de outubro de 2016, a professora faz sabatina individual com os alunos sobre uma poesia, à mesma seria para apresentação do dia 20.10.2016.

Os alunos tinham certa autonomia na sala em relação ao convívio social, levantavam, conversavam, normalmente não eram repreendidas pela professora para ficarem quietos. A professora continuava com a sabatina individual, e a turma aproveitava que não tinha atividade, para brincarem pela sala.

Os conflitos aconteciam a todo instante, ofensas verbais, agressões físicas sem nenhuma intervenção, tudo continuava da mesma maneira [A professora observava os conflitos, mas não realiza intervenção] às vezes por falta de conhecimento da professora, a mesma não realizava a intervenção, muitas vezes, a investigadora percebia que a professora não sabia o que fazer e/ ou anteriormente realizou atitudes coercitivas que não deram resultados então deixava acontecer sem tomar medidas que pudessem melhorar o ambiente de formação pessoal e social dos alunos.

Durante o período de observação a investigadora não percebeu a ocorrência de nenhuma atividade, só percebeu as crianças sem direcionamento na sala. Das 30 crianças que estão na sala, 12 ficaram sem intervalo, pois não realizaram a atividade de casa que era decorar a poesia. Então elas ficaram na sala para memorizar.

A noção de justiça nas resoluções de conflitos neste espaço da sala de aula precisa ser revista. Segundo Dubet (2004), considera-se que uma escola justa e de

qualidade, será, desde logo, aquela que consegue explicitar bem o sentido social e cultural da educação e que responde às necessidades e problemas sociais, à melhoria da sociedade, da política, da economia e da cultura, não num sentido errático, mas no sentido emancipatório, dialogado e politizado.

Retirar o intervalo das crianças por não ter realizado a atividade de casa, não tem relação, o que aconteceu, está relacionado a atividade de casa, a mesma deve voltar com a atividade para casa, e realiza-la, a professora deveria propor um ambiente de responsabilidade falando da importância da realização da atividade. Retirar o recreio não tem relação lógica com a atividade não realizada (Observação realizada em 19.10.2016).

A observação foi iniciada no dia 25 de outubro de 2016, a sala estava barulhenta, apesar de haver atividade para realizar, o grupo fazia barulho e corriam pela sala.

Percebe-se uma falta de respeito com quem tentava estudar e realizava a atividade proposta, mas nenhuma intervenção foi realizada para que as crianças se acalmassem e respeitasse quem estava realizando.

Durante uma das brincadeiras, na sala, uma menina chamou a outra de “rata” [referindo-se ao tamanho da colega] a criança que foi chamada de “rata” ameaçou dar um murro, uma empurrou a outra e o conflito aparentemente acabou.

A sala de aula é um espaço que deve ter respeito. O respeito é base de toda relação humana. A sala de aula é um espaço que não pode dispensar essa virtude ou sentimento.

A relação aluno vs. aluno deve ser refletida em sala de aula, não basta que respeite o professor ou a direção, é necessário, também, que os alunos se respeitem entre si para que as atividades se desenrolem com naturalidade. O que se observa na maioria dos grupos de alunos são os xingamentos, apelido, falta de diálogo, constituindo assim a total falta de respeito.

Apesar de não haver uma agressão física e aparentemente o conflito ter acabado, sabe-se que os sentimentos de raiva, impunidade se constituiu nas duas meninas. Elas precisavam da intervenção de um adulto que pudesse ouvi-las e entender o motivo (se há) para que pudesse mediar e sanar a situação conflituante.

Para Martinez Zampa (2005), a maneira de lidar com o conflito no interior da escola varia de um ambiente para outro e de acordo como ele é visto: como

instrumento de crescimento ou se interpretado como um grave problema que deva ser abafado.

Apesar de ter ouvido as alunas a se ofenderem verbalmente, a professora não realizou intervenção para que o ato não se repetisse, mas, em uma classe cheia e com tantas demandas, esse ato de intervenção se torna algo complexo a se fazer. Como afirma Fortuna (1996, p.6) “A realidade da sala de aula é sempre mais móvel, mais dinâmica e cheia de surpresas do que pode a teoria dizer, e esta deve, quando se pronuncia, no lugar de aprisionar a realidade, libertá-la com o conhecimento que veicula”.

A professora terminou de “tomar” a tabuada com as crianças e perguntou:

– Quem terminou de realizar a atividade? [Ela pergunta aos gritos, pois há um barulho muito grande na sala].

Um silêncio se estabelece na sala, logo após a pergunta, mas depois de algum tempo, algumas crianças se levantam e mostram a atividade de Matemática de fração, para a professora. Então a mesma se levanta e diz:

– Quem não terminou fica na sala, sem intervalo, só lancha depois que terminarem.

Esse tipo de punição é chamado por Piaget de expiação é o tipo de punição que faz a criança sofrer e não tem relação no ato. Não há relação entre o ato de deixar a criança sem recreio e a atividade não realizada. É uma punição sem correlação. Para que a sanção seja efetiva segundo Vries e Zan (1998) a criança deve valorizar o vínculo social e desejar melhorar, restaurar a partir do ato não realizado.

Nesse momento duas alunas começavam a discutir, pois uma pegou o caderno da outra para copiar a resposta. As duas se xingam, a professora pede que discutam em voz baixa, para não atrapalhar a turma, a discussão continuou entre as duas, a aluna que fez a atividade toma o caderno e guarda e sai da sala.

Outro conflito aconteceu em sala, mas sem intervenção da professora que no momento só pede para que falassem mais baixo, pois ela estava ocupada com outra criança explicando a atividade.

Neste dia 19 crianças ficaram na sala sem intervalo e 11 saíram para o intervalo (Observação realizada em 25.10.2016).

Durante a semana a professora se ausentou por motivos familiares, neste dia, 01 de novembro de 2016, quem estava compartilhando conhecimento com as crianças era uma funcionária da secretaria do colégio, já que não havia uma professora para que pudesse substituir.

Começou a aula com a verificação (correção da atividade no quadro de maneira autônoma) da atividade de casa.

Apesar da falta da professora naquela tarde, e ter na sala uma pessoa diferente, as crianças continuaram com o mesmo comportamento que costumavam ter, muito barulho.

Durante a realização da verificação, uma criança chama a outra de diabo, todos riram e começaram a falar da menina que xingou, eles a chamaram de desobediente e mal-educada. A pessoa que substituíu pediu que todos calassem a boca e fossem terminar suas atividades.

A pessoa que substituiu a professora titular fala, em tom de ameaça, que quem “se levantar durante a aula ou conversar, será retirado o intervalo”.

As intervenções não foram realizadas de maneira adequada no momento dos conflitos. Mas a “professora” [leia-se funcionária] substituta atuou em uma área que não tinha conhecimento (Observação realizada em 01.11.2016).

A rotina de sala de aula no dia 08 de novembro de 2016 foi igual aos outros dias, com atividades e correções de trabalhos. O grupo tem dificuldade de fazer silêncio então à proposta de atividade feita pela professora em meio a barulho e corridas na sala. Apesar de a professora pedir que todos a observassem, o mesmo não aconteceu.

O intervalo do grupo foi suspenso por causa de uma avaliação de Matemática, pois as crianças precisariam de mais tempo para a realização da mesma (Observação 08.11.201).

Percebe-se que tudo que aconteceu em sala de aula foi motivo suficiente para retirar o intervalo das crianças.

Para Hansen et al. (2007) a brincadeira é uma atividade presente na vida das crianças, tendo um papel importante no desenvolvimento das mesmas. Ainda assim, tal importância nem sempre é reconhecida pelos adultos, os quais estão mais focados em uma educação com aspectos cognitivos formais e apresentam uma dificuldade em visualizar a relação existente entre a brincadeira e o desenvolvimento.

Macarini et al. (2006) acrescenta que o ser humano necessita do contato com outras pessoas, pois é através da interação social que se desenvolve a linguagem, são reconhecidas as habilidades e são ampliados os conhecimentos em diferentes áreas. Para a criança o contato físico, o social e a comunicação são fundamentais no seu desenvolvimento e uma das maneiras mais eficazes para ela estabelecer estes contatos é através da brincadeira.

No dia 16 de novembro de 2016 quando a investigadora chegou as crianças já tinham iniciado uma atividade de classe. Uma criança percebeu que uma caneta que estava no chão era de uma menina da sala, um colega vê, e pega a caneta e joga no lixo. A aluna vê e questiona: –Pró a minha caneta caiu e Paulo jogou no lixo [observo a postura das duas crianças, a menina muito chateada com o que aconteceu e o menino sorrindo].

A professora levanta-se e olha o lixo para certificar o ocorrido e faz a seguinte intervenção: –Se a caneta estava na sala tem dono, não pode jogar no lixo. Pegue-a! [A professora demonstra no seu olhar todo sentimento de injustiça que estava acontecendo].

O menino levanta-se da cadeira e vai até ao balde do lixo e diz: - Não sou empregado de ninguém, não vou pegar.

A professora, muito séria, faz todo um discurso sobre o respeito ao outro e ordena que o aluno pegue a caneta [dessa vez ela fala de maneira mais firme, pois o mesmo não tinha atendido a sua ordem da primeira vez].

O aluno responde, olhando bem para a professora: –Você não manda em mim!

A professora andou alguns passos e olhou bem para a criança e deu-lhe duas opções: –Você pega a caneta ou sai imediatamente da sala.

Ele levanta-se bem devagar e vai até ao balde do lixo e pega a caneta e entrega à colega. A professora diz-lhe que somente pegar a caneta não bastava e que o mesmo teria de pedir desculpas à sua colega e para a professora pela falta de respeito. Ele fica parado em frente à colega, demorando um pouco e pede desculpa as duas (Observação realizada em 16.11.2016).

No dia 22 de novembro de 2016, a observação iniciou-se como na maioria das vezes, a partir da verificação da atividade de casa na lousa, logo após a correção dos trabalhos de casa a professora passou em todas as cadeiras (olhando e assinando em cada caderno) para saber quem realmente fez e verificou a atividade. Enquanto a

professora verificava os trabalhos de cada criança as outras corriam e gritavam pela sala.

Neste dia houve conflitos durante a aula, em muitos momentos a professora não viu os xingamentos, as pirraças e quando conseguiu ver, não fez a intervenção adequada, mas em uma sala com 30 crianças, trabalhando sozinha sem nenhum apoio de um auxiliar, é difícil realizar as intervenções pedagógicas mais adequadas para cada momento (Observação realizada em 22.11.2016).

Uma postura positiva que a professora poderia adotar diante da conduta agressiva do aluno era a de se aproximar dele, assim estaria oferecendo a possibilidade de conversar e refletir sobre os seus sentimentos e até mesmo sobre os seus atos. Além, disso a relação escola-família é de suma importância nestas situações de conflito em contexto de sala de aula conversar com os pais sobre as atitudes dos seus educandos em sala de aula pode melhorar o convívio social.

No dia 23 de novembro de 2016 foi dia de avaliação de Gramática, essa era a última avaliação dessa disciplina do ano letivo de 2016. Nestas situações de prova existe um procedimento na escola, quando a criança termina a avaliativa ela aguarda com a mão levantada (sinalizando que acabou), a professora chama a criança “toma” a tabuada e a mesma vai para casa.

A primeira criança terminou, levanta a mão, a professora chamou “toma” a tabuada e a mesma vai para a casa. A segunda terminou e levantou a mão, mas a professora não chamou. A terceira terminou e a professora chamou. A segunda criança reclamou: –Professora, a segunda a levantar a mão fui eu.

E a professora respondeu:–Você manda em mim? Eu faço o que eu quero! Estou perto de me livrar de você.

O aluno reclama, fala mal, mas continuou com a mão levantada. A professora continuou a chamar as crianças que estavam com as mãos levantadas, mas não o aluno que ainda continuava a reclamar por não ter sido chamado.

O sinal tocou para o intervalo, ainda estavam 15 crianças na sala e o aluno que não tinha sido chamado continuava com a mão levantada.

A intervenção pedagógica dos professores deve ser refletida e assertiva, atendendo que estes profissionais são os modelos de atitudes, valores e respeito ao próximo. Assim, uma postura assertiva da professora com o aluno no primeiro

momento evitaria momentos de tensão entre professor e aluno (Observação realizada em 23.11.2016).

No dia 06 de dezembro, a avaliativa de Matemática se inicia antes do intervalo, as crianças tiram dúvidas a todo instante, a professora lê e explica com bastante cautela.

Como não teve aula nos dias de avaliativa, as crianças não ficam na escola por muito tempo. O ano letivo das crianças estava encerrando e os mesmos estavam felizes pela conclusão de mais um ciclo (Observação realizada em 06.12.2016).

CONTEXTO DE RECREIO/INTERVALO

Todos os dias, para que o recreio comece (momento de interação com brincadeiras entre as crianças na área externa do espaço físico do colégio), é acionado um toque (o chamado sinal) que dá para se ouvir em todo ambiente físico da escola, então os alunos saem e lancham (quem traz o lanche de casa). Durante o recreio eles brincam, com uma duração média de 20 minutos, passado esse tempo o sinal toca novamente e quem estava fora da sala entra para recomeçar a aula.

Este sinal do recreio toca duas vezes a cada turno (matutino e vespertino). A primeira vez toca para os alunos do 2.º Ano e 3.º Ano, pois são alunos menores que os das outras séries e pode brincar juntas, depois deste grupo de crianças entrarem para a sala o sinal toca, pela segunda vez, para o (4.º Ano e 5.º Ano), ou seja, o intervalo é separado, pois são idades muito diferentes. Depois do intervalo o lanche é distribuído na sala.

Essas regras dentro do colégio devem ser cumpridas, pois o espaço físico não comporta a quantidade de crianças, se todas saíssem no mesmo horário e ainda teríamos um espaço com um número significativo de agressões, já que as crianças menores poderiam se machucar no momento de interação com os maiores. Então, essa estratégia de tocar o sinal duas vezes evita superlotação do espaço físico. Esta regra é louvável, pois previne as agressões físicas e acidentes que poderiam acontecer no espaço. No que se refere à questão das brincadeiras e jogos, durante o recreio, pode-se dizer que também possibilitam a integração e a socialização entre os alunos das diversas turmas, proporcionando momentos de lazer, o e um ambiente mais

harmonioso no interior do colégio, evitando situações de conflito, como destaca Oliver (2000, p.11), afirmando que:

Desde o primeiro ano de escolarização as brigas e as discussões surgem muito cedo entre as crianças, tanto no pátio da escola como dentro da sala de aula. Manifestações espontâneas da vontade de apropriar-se de um objeto ou de um território, de impor seu projeto, são, com frequência, a única maneira, embora arcaica, que a criança encontra para regular seus conflitos.

A área do intervalo é ampla onde os alunos podem correr e brincar, este espaço tem dois ambientes: o primeiro o chão é de terra (ver Figura 1) e tem algumas árvores e bancos de cimento; e, o segundo é coberto, o chão é de cimento (ver Figura 2) onde as crianças normalmente brincam com a bola. Percebe-se que é um espaço amplo, mas sem estrutura para um jogo de futebol (ver Figura1). Na estrutura coberta, (ver Figura 2) tem um espaço mais organizado, mas mesmo assim pequeno para a quantidade de crianças.



Figura 1 - Espaço de chão de terra.



Figura 2 - Espaço com cobertura e chão de cimento.

Geralmente, como faz muito calor, as crianças preferem ficar à sombra na parte coberta ou embaixo das árvores (ver Figura 3) apesar de darem sombra são poucas para o espaço e para a quantidade de crianças do colégio.



Figura 3 - Espaço externo sem cobertura, com sombra e com chão de areia.

Não há brinquedos disponíveis, mas há jogos de tabuleiros pintados nas mesas feitas de cimento como, por exemplo: jogo da dama, xadrez e jogo da velha. Apesar de não haver as peças para jogar as crianças improvisam com material reciclado utilizam tampas de garrafas Pet. Apesar da falta de materiais lúdicos nos espaço exterior a interação acontece nos jogos de tabuleiro (ver Figura 4) nos jogos de regras elaborados por eles. As crianças que não querem os jogos de tabuleiro jogam à bola nos espaços que sobra, um espaço de chão de terra que é um espaço aberto e com sol, já na outra parte é coberta sem a incidência direta do sol. Nos dois espaços a bola é improvisada, alguns trazem gudes e corda de casa e interage com outros para que a brincadeira aconteça.

Percebe-se um espaço lúdico para as crianças (ver Figura 4), mas ainda insuficiente para a demanda de alunos que a escola comporta. Mas já é uma boa iniciativa em relação à interação com jogos de grupo e organização de regras que podem ser realizadas pelas próprias crianças.



Figura 4 – Espaço com jogos de tabuleiro na área coberta do colégio

No dia de observação do recreio, dia 04 de outubro de 2016, as crianças brincavam sem a supervisão de um adulto. Aconteceu um jogo de futebol na área

aberta, os jogadores não são bem distribuídos, não há quantidade exata entre os times que estão jogando, jogam meninos e uma menina com uma bola feita de papel amassado. Crianças de outras turmas dividiram o espaço do futebol com uma corda e revessam a brincadeira entre o segurar a corda e pular. Outro grupo brincava de picula (brincadeira com várias crianças correndo em um espaço determinado pelos componentes da brincadeira, uma criança fica pegando (tocar) as outras, ela deve pegar todas, mas a primeira que ela pega é quem vai continuar a brincadeira pegando o resto do grupo na próxima rodada). Os três grupos brincavam no mesmo espaço, apesar de haver muitas crianças no mesmo espaço elas se dividem, em alguns momentos, há brigas e eles se agredem verbalmente xingando (falar palavrões inapropriados, termos pejorativos) um ao outro, eles se entre olham, não há conversa, nem intervenção de um adulto para resolver o conflito e, as agressões verbais continuam quando um interfere no espaço do outro.

Foi perceptível que no outro espaço (coberto) (ver Figura 2) também há conflitos, um menino discute com outro durante o jogo de futebol e saiu batendo nas outras crianças. A agressão física continuou, algumas crianças tentavam separar, sem muito êxito, correram para a direção da escola. Então surge um adulto que pede para acabar, mas a briga já tinha terminado, essa pessoa é alguém que trabalhava na cozinha da escola. Não ouve conversa, nem pedido de desculpa, ninguém ouviu as crianças e tudo continuou como se nada tivesse acontecido. O sinal tocou e as crianças voltaram para a sala e, a aula continuou como se nada tivesse acontecido.

Os problemas de comportamento agressivo entre os alunos, além de consistirem nas principais queixas escolares, absorvem muito da atenção e do esforço dos professores (Hunter, 2003). Nas salas de aula, as estratégias disciplinares dirigidas para alunos agressivos têm sido ineficazes (Walker; Gresham, 1997), pois tendem a enfatizar o manejo do comportamento do aluno baseado em medidas punitivas ou veem as agressões como algo que não faz parte da rotina diária de sala de aula e não tentam resolver. Em geral, verifica-se que tais medidas são similares àquelas que favorecem o comportamento agressivo, como o uso quase exclusivo de práticas punitivas ou coercitivas e o estabelecimento de regras sem que as partes que provocam a agressão sejam ouvidas e as mesmas deem solução para a situação provocada (Observação realizada em 04. 10.2016).

Na semana seguinte, 18 de outubro de 2016, a investigadora foi para o intervalo observar, neste dia os alunos estavam com uma bola bem pequena, parece uma bola de piscina de bolinha (brinquedo infantil com bolinhas pequenas), eles utilizaram para jogar bola, e, apesar de bem pequena, eles conseguiram jogar.

Durante a observação do jogo de futebol, percebe-se do outro lado, duas crianças brigando, um aluno e uma aluna, eles se agrediram e, algumas crianças correm para avisar a alguém da coordenação, aparece um adulto, a briga já tinha acabado. Ela viu que as crianças estão machucadas e leva para colocar gelo no lugar. Apesar de ter ajudado as crianças, providenciando um acalento para dor física, não conversou para saber o motivo da briga, nenhuma intervenção relativa ao que gerou a agressão. (Observação realizada em 18.10.2016)

No intervalo do dia 19.10.2016, as crianças brincavam com seus grupos 4º Ano e 5º Ano, em meio ao futebol, alunas brincam de pular corda, os alunos reclamavam da presença delas, e as mesmas respondem que é direito delas brincarem também. Sem conflitos relacionados à agressão física, somente verbalização de palavras indevidas. Conversas e brincadeiras de diversos grupos, picula, alguns assistem futebol.

No intervalo do dia 19.10.2016, a investigadora ficou um pouco na sala por causa da quantidade de alunos que não realizaram a atividade e estão dentro da sala, à medida que eles foram fazendo a atividade, foi diminuindo, então, a observadora saiu da sala para o intervalo.

No intervalo as crianças brincavam de futebol livremente no espaço terra (ver Figura 5) com uma bola bem pequena, durante o jogo as agressões físicas são constantes (chutes e ponta pés), os xingamentos acontecem a todo o momento.

Apesar de às vezes alguns adultos circularem pelo espaço do intervalo, eles só observavam, não realizaram nenhuma intervenção nem levaram para que outro adulto o faça.



Figura 5 - Espaço do campo de terra visto do alto, onde são realizadas as partidas de futebol.

Em outros espaços a investigadora observa várias crianças que brincavam, o difícil é entender as agressões físicas constantes sem motivo aparente durante o intervalo, e sem que ninguém tente melhorar o convívio social dessas crianças.

Voltaram todos do intervalo, continuaram na sala algumas crianças que ainda estavam realizando a atividade que foi proposta antes do intervalo, a professora segue com a proposta de lanche somente depois do término (Observação realizada em 19.10.2016).

Nesse dia, 25 de outubro de 2016, além de não poderem ir ao intervalo por não ter realizado a atividade de classe, as crianças só poderão lanche após o término da atividade. É uma atitude de reprimir as crianças que não realizam as atividades em classe.

Em nenhum momento foi questionado o motivo de não ter realizado a atividade, a sala estava com bastante barulho e nenhuma intervenção foi realizada para que o barulho diminuísse, então, acredita-se que a atitude punitiva poderia não ter sido realizada e sim, refletida por todos na sala, colocando em questão a postura do grupo diante da atividade proposta. Sendo assim, o intervalo é algo de grande importância para formação social da criança:

O intervalo entre as aulas representa um aspecto especial na rotina escolar. Muitas vezes, trata-se do único momento em que os alunos podem fazer opções: com

quem conversar de quem se aproximar, onde e como brincar. É o espaço-tempo que os convida a explorar diferentes percursos e aprender algo mais sobre relações grupais. Não é à toa que, para boa parte dos estudantes, o recreio é a hora mais esperada (IAVELBERG, 2010, p. 1).

Neste dia 08 de novembro de 2016, era dia de avaliação, e muitas delas não terminaram até o horário do intervalo, então a investigadora desceu para observar as outras séries do 4º e 5º Anos que estavam no intervalo nesse momento.

Não houve futebol, a brincadeira é pega-pega (também chamada de picula), as crianças brincavam livremente sem nenhum adulto por perto para observar ou intervir durante o intervalo.

Além da picula também brincavam de pular corda, a mesma aconteceu em meio à correria das crianças por causa da outra brincadeira. Elas se bateram uma com as outras, caíam, gritavam, mas não aparece ninguém mediando esse momento, então elas se resolvem sozinhas.

Durante esse intervalo uma criança se aproximou e perguntou: –O que você está fazendo? [Olho para ele, mas não respondo] ele insiste e repete a pergunta. [Penso um pouco e respondo de maneira objetiva]

Estou observando a brincadeira de todos vocês. [Ele percebe que não estou dando muita atenção, já que a pesquisa é não participante e, não posso ter tanto contato com as crianças.] Então ele mesmo responde sem nenhuma pergunta feita por mim.

–Sou do segundo ano, meu nome é João, então faço uma cara de espanto e ele sai correndo. [Naquele momento era o recreio dos alunos do 4º Ano e 5º Ano, e o mesmo deveria estar em aula].

Atualmente, em boa parte das escolas, as regras encontram-se previamente estabelecidas de forma autocrática pelo corpo administrativo e docente, de forma que os alunos, ao serem matriculados, apenas tomam conhecimento do que lhes é ou não permitido fazer, além das sanções previstas em caso de descumprimento, fato que é caracterizado como desobediência ou indisciplina.

Não se pode negar, entretanto, que as regras são elementos fundamentais para o estabelecimento de boas relações. Dedeschi (2011, p.67) afirma que: as regras são fatos sociais presentes nas relações interpessoais e precisam ser compreendidas como normas que determinam claramente o que deve ou não ser

feito, expondo o que é permitido ou proibido, supondo sempre o sentimento de respeito entre as pessoas.

No dia 16 de novembro de 2016, também não houve jogo de futebol, mas as crianças trouxeram gude de casa (Uma bolinha bem pequena de vidro temperado) e brincaram de gude e picula.

As agressões verbais e físicas eram constantes, aconteciam a todo o momento na área aberta. O porteiro e a servente observaram as agressões e fizeram as intervenções do jeito deles. (Observação realizada em 16.11.2016)

A indisciplina é definida como um estudo de comportamentos indesejáveis apresentados pelos alunos na sala de aula e nos momentos livre (recreio- intervalo) que podem ir desde conversar uns com os outros, a desrespeito pelas regras e agressões mútuas, entre alunos, e à utilização de materiais e/ou equipamentos não permitidos.

Já a agressão verbal definida como insultos, difamação ou ameaças proferidas por quaisquer intervenientes, em relação ao professor.

Dia 22 de novembro de 2016, as crianças desceram para o intervalo, algumas crianças permaneceram em sala, com a justificativa de não ter realizado a atividade.

Durante o intervalo, aconteceram alguns episódios de agressão verbal, e pela primeira vez há um adulto observando e o mesmo realizou intervenções na área livre da escola.

O jogo de futebol aconteceu como na maioria dos intervalos, e nesse dia em específico um adulto veio até as crianças parou o futebol e explicou a consequência de chutar a bola muito forte, pois estava acontecendo com frequência e a mesma estava observando. As crianças ouviram atentamente e depois voltaram a jogar.

Explicar o motivo pelo qual não se pode realizar certo atos com o outro, como ocorreu no futebol com o chute muito forte, é essencial para iniciar o senso de respeito ao outro e de valores.

A partir do dia 23 de novembro de 2016 os intervalos não aconteceram, pois as crianças estavam em avaliação e depois às crianças poderiam ir para casa, somente algumas ficavam na área da escola brincando a maioria delas iam para suas casas.

5.3 ENTREVISTA

A entrevista tem perguntas abertas sobre o tema da dissertação, também classificadas como livres e abertas, onde o entrevistado responde as questões e o entrevistador (investigadora) escrevem de forma todas as respostas, seguindo com precisão e confiabilidade toda a informação dada pelo entrevistado (a professora Maria).

As primeiras perguntas referentes à entrevista visam ser cordial ao entrevistado, para que lhes possa garantir um ambiente saudável e a mesma flua com leveza e coerência nos aspectos referentes aos objetivos de pesquisa. Então se iniciou a entrevista com o nome da entrevistada e outros aspectos da instituição de ensino.

Morando em outra localidade a professora Maria, veio para Feira de Santana para estudar e trabalhar e iniciou o seu trabalho logo que chegou. Não era formada na área de Pedagogia, estava terminando o Ensino Médio, mas com o passar dos anos lecionando, o colégio que trabalhava exigiu e a mesma buscou uma formação superior.

Apesar de trabalhar pela prefeitura da cidade, não foi concursada, iniciou seu trabalho em uma instituição pública sem realização de um concurso para ingresso, que na época não era costume do governo municipal a realização do mesmo.

Professora Maria, é professora do Ensino Fundamental I, leciona no 5.º Ano, tem 36 anos de experiência na área e sempre lecionou na mesma série e instituição de ensino.

Relativamente às questões relacionadas com a problemática da pesquisa, seguem-se excertos das respostas e respectivas análises com base nos dados recolhidos.

4. Em sua opinião como que as crianças se relacionam no ambiente da sala de aula, em situações de conflito?

Segundo a Professora Maria, “as crianças são amigas umas das outras, elas já convivem juntas há anos, desde o 1.º Ano do Ensino Fundamental I, e se conhecem

bastante. Então, essas brigas que acontecem, nem sempre eu [professora Maria] resolvo, pois elas já se conhecem bastante para conseguirem se entender e resolver seus conflitos. Normalmente, deixo que os alunos tentem resolver os conflitos sozinhos, há muita briga entre as crianças, às vezes tento ajudar, quando não consigo conversar, levo-as à direção do colégio”.

Durante o período de observação foi percebido inúmeros conflitos no ambiente de sala de aula, nestes momentos os alunos, em sua maioria, se resolviam sozinhos sem a interferência da professora que estava em sala e se Maria, levava as crianças à direção do colégio, como mencionou na resposta não aconteceu nos dias das observações realizadas.

É perceptível a dificuldade de acompanhar os alunos e resolver os conflitos por causa do número de alunos em sala de aula, isto interfere no cognitivo, social e afetivo, pois quando há uma quantidade de aluno em que a professora possa oportunizar o aprendizado de maneira adequada ao ritmo de aprendizagem dos alunos fica compreensível a construção cognitiva e afetiva dentro do ambiente escolar. Não é o que acontece com a classe da professora Maria, que em seu espaço tem muitos alunos e com diferentes idades e compartilha conhecimento com os mesmos sem nenhuma ajuda.

O conflito surge como oportunidade de construção moral e formação ética, pois é a partir dela que se pode conversar e perceber os equívocos e acertos que podem ajudar no convívio social afetivo.

O professor é o mediador dos conflitos da violência verbal e física no ambiente escolar, e o mesmo, deve ser coibido com sanções que devem ter reciprocidade. O respeito às diferenças aliado a valorização da vida transformam o ambiente em clima de cooperação.

Refira-se que no Brasil não há lei na constituição ou Ministério da Educação que regulamente o número de alunos em sala de aula, então existem leis estaduais e municipais que são estabelecidas a partir da parceria com os sindicatos dos professores em que as salas de aula podem ter 25 alunos.

Existe um parecer CEED (Comissão Especial de Educação Infantil) n.º 398/2005, (documentos resultantes de análises técnicas sobre a eficácia de assuntos de interesse) que determina junto ao órgão público a quantidade de alunos por sala, esse parecer se refere ao Ensino Fundamental no Brasil, e estabelece até 30 alunos

por série. Não existe uma definição delimitando essa quantidade com regimento de lei específica para esse assunto, então cada município e estado tem sua lei própria que rege.

Em uma classe com 30 alunos e uma única professora se torna algo mais complexo para estabelecer um espaço de convívio social agradável devem-se realizar intervenções diariamente, sendo um trabalho diversificado, que demanda tempo e conhecimento.

5. A partir da sua experiência no ambiente de sala de aula, como você consegue passar segurança para as crianças, para que as mesmas se sintam seguras e consigam questionar e trocar informações durante as aulas?

“A quantidade de alunos na sala com dificuldade é grande, alguns alunos com dificuldade de leitura, interpretação de texto, ortografia, contagem, resolução de situação problema as dificuldades são muitas e às vezes não temos recursos para ajudar esses alunos.”

Então, existem as atividades diagnósticas que ajuda o professor a se orientar a respeito da aprendizagem do aluno é o que fazemos no início do ano letivo. As crianças que tinham dificuldades, a professora Maria, fez a atividade diagnóstica (atividade avaliativa sem quantificação, que serve para diagnosticar as dificuldades e avanços do aluno na série). Assim a docente analisa as dificuldades para identificá-las para possíveis diagnósticos de aprendizagem, podendo então, saná-las.

Depois de perceber as dificuldades a professora Maria sinaliza para os pais do aluno, através de uma reunião individualizada, fazendo uma parceria pais e escola para explicar as dificuldades e possíveis soluções para conquistas futuras.

Durante a entrevista a professora Maria sinaliza o uso das atividades diagnósticas para ajudar na concepção de aprendizado referente ao aluno. Mas as observações foram realizadas no final do ano letivo de 2016 e não foi possível observar a realização das atividades diagnósticas que são realizadas no início do ano. Mas sabe-se da importância desse tipo de atividade para o crescimento cognitivo do aluno.

A ideia de avaliação diagnóstica surgiu a partir da abolição da repetência no ensino fundamental nas escolas públicas, com a chamada progressão continuada,

implantada com base nas recomendações contidas na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996.

A avaliação diagnóstica ajuda a identificar as causas de dificuldades específicas dos estudantes na assimilação do conhecimento, tanto relacionadas ao desenvolvimento pessoal deles quanto à identificação de quais conteúdos do currículo apresentam necessidades de aprendizagem. Com o objetivo de identificar a realidade da turma; observar se as crianças apresentam ou não habilidades e pré-requisitos para os processos de ensino e aprendizagem; e refletir sobre as causas das dificuldades recorrentes, definindo assim as ações para sanar os problemas.

Identificar o que os alunos já sabem, é essencial para iniciar o planejamento docente. Para garantir que nada seja deixando de lado, organização de um cronograma de ações pedagógicas e elaboração de um plano, em que se possam analisar os dados da turma e elaborar o percurso a ser garantido a partir das avaliações diagnósticas.

A partir de todo diagnóstico deve-se realizar uma reunião individualizada com o responsável do aluno para que o mesmo fique ciente do andamento do aprendizado no filho no colégio em que estuda.

6. Na escola existem muitos conflitos. Quais as situações de conflito que mais chamou sua atenção?

“A sala é bastante barulhenta, os alunos conversam e isso desconcentra toda a classe, mas, o que mais me chama atenção durante as aulas é a falta de atenção dos alunos no processo de ensino-aprendizagem, o que aparenta na verdade, é que eles não querem aprender, e não tem interesse. A falta de respeito com os colegas em sala é algo grave, os alunos não se respeitam. Esse procedimento de respeito muitas vezes é adquirido no âmbito familiar, os pais não se respeitam, as crianças presenciam, e acham normal, isso reflete a falta de respeito.”

É importante saber que essa relação de presença na educação dos filhos está para além da relação com a escola. É uma relação com o conhecimento, com a ação de ser educado, aprender, conhecer. Os pais que conseguem, mesmo em meio a tantos compromissos, demonstrar a importância do processo educativo para os filhos, já estão contribuindo significativamente para o desenvolvimento delas.

Pais que olham para os professores como aliados e professores que veem os pais como parceiros do rendimento escolar possuem maiores possibilidades de conversar abertamente sobre os problemas dos alunos, identificar falhas de aprendizagem e reprogramar o processo de ensino de maneira personalizada e eficaz. Vale destacar que o contexto de comunicação ativa, frequente, sensata e sincera é muito importante quando se trata de educação.

Segundo Piaget (1994), a família, entendida como o primeiro contexto de socialização, exerce enorme influência sobre a criança e o adolescente. A atitude dos pais, suas práticas de criação e educação, a atmosfera cultural da família, são aspectos que interferem no desenvolvimento individual e, conseqüentemente, influenciam no comportamento da criança e do jovem na escola, bem como no resultado que ela irá atingir.

A aprendizagem é influenciada por diversos fatores, e o estado emocional e afetivo dos alunos é um desses fatores. A motivação para ampliar os conhecimentos é o que impulsiona a aprendizagem e estabelece as condições nas quais ela ocorre. Despertar o interesse do aluno, seja ele uma criança nos primeiros anos da vida escolar ou um adolescente do Ensino Médio, é a chave para garantir um aprendizado eficaz.

7. A rotina da sala de aula é complexa e com muitas demandas. Nessa rotina diária que os conflitos acontecem com grande frequência. Como são resolvidos estes conflitos? Há intervenção de um adulto?

“Acontecem várias brigas na sala, e se formos resolver tudo que acontece não damos aula dia nenhum, eles já são grandes, deveriam saber se comportar e tratar os outros bem, a família deveria ajudar também, pois essa falta de respeito também vem de casa. A maioria dos conflitos é resolvida por eles, através de conversa, chamo as duas crianças para conversar. Depois de ouvir os alunos se não houver solução, convido alguém que presenciou a situação, se nada disso resolver, envio todos para a direção.”

O interesse é uma sensação ou sentimento que origina a tendência para agir em relação a alguma área, evento, atividade ou estímulo. Tipicamente, o interesse é considerado como algo inerente à pessoa. O aluno terá interesse nas coisas que

melhoram sua autoimagem e sobre as quais possui algum tipo de controle. Para que na sala de aula ocorra entendimento desenvolvimento de todos é indispensável que haja respeito.

A relação dos professores com seus alunos devem ser de respeito. Assim como o professor tem de respeitar seu aluno, o aluno deve respeitar o professor. O aluno precisa entender que o professor é, antes de tudo, uma pessoa que tem os seus valores e que representa papel importante na escola e na vida do aluno, portanto merecedor de total respeito para que se realize na sala de aula um trabalho construtivo através do diálogo, sem ofensas nem ameaças.

O ambiente escolar converge em diversidade e aprendizagem ao mesmo tempo. É nesse espaço que as relações interpessoais se estabelecem. Muito além das competências cognitivas e da responsabilidade educativa pedagógica. Só o conhecimento acadêmico não transforma, é preciso formar para a autonomia, para a flexibilidade, para o espírito crítico, o respeito a si mesmo, ao outro e à coletividade.

A escola traz consigo as relações interpessoais e é altamente determinante na construção da identidade. No cotidiano da escola, pequenos conflitos interpessoais apontam a importância e a necessidade da existência de regras que visem à garantia do convívio social. Nessas ocorrências cotidianas, dependendo da forma como o professor lida com a situação e de sua concepção de disciplina e educação, os conflitos, naturais em qualquer relação, são vistos como uma oportunidade para trabalhar valores e regras.

Segundo Arruda (1998), os valores são, num primeiro momento, herdados. Para construir sua própria escala de valores, a criança ou adolescente precisa do referencial do mundo adulto.

Os valores acompanham o ser humano sempre. Quanto mais experiências positivas estiverem ao alcance dele, e quanto mais positivas forem as reações que receber de sua parte, maior será a possibilidade de aprender que valores são essenciais à vida. As riquezas e os bens podem ser herdados, mas os sentimentos de respeito precisam ser aprendidos. A família, nesse contexto, “é uma mola essencial da vida social” (PIAGET, 1994, p. 48), pois é responsável por propiciar à criança os primeiros valores, ou seja, o respeito e a responsabilidade. Esta responsabilidade pode ser exercida pela criança no simples gesto de realizar tarefas caseiras ou deveres do lar, pois estes contribuem para o desenvolvimento dos seus sentimentos.

É a partir dos valores morais vivenciados com a família que as atitudes referentes aos valores morais refletem na postura do educando frente ao ambiente escolar, no convívio social, respeitando a todos.

As interações sociais acontecem na sala de aula em meio a muitos conflitos, estes de agressão física e verbal, durante o período de observações foi perceptível esses acontecimentos no espaço da sala de aula.

Nas observações realizadas em sala de aula, em poucos momentos dos dias determinados para observação, a professora fez intervenções pontuais para a situação de convívio relacionado ao respeito ao outro ou encaminhou o aluno a direção. Conversar e refletir sobre a atitude de desrespeito, quase não existiu. As conversas eram realizadas coletivamente, às vezes, constrangendo o aluno diante de todos. Encaminhar o aluno à direção do colégio sem conversar e debater o acontecido em sala de aula pode trazer reflexões equivocadas a respeito do que realmente aconteceu.

8. Diante das situações conflituosas que a senhora vivencia como se propõe a ajudar?

“Tento não interferir como já falei, eles são grandes e deveriam não brigar, mas quando eles se agredem ou há uma falta de respeito muito grande, a aula é interrompida para tentar solucionar o problema. Mas na maioria das vezes tento, conversando com os alunos e sendo imparcial durante toda a conversa. Não posso julgar, tenho que ouvir e tentar resolver da melhor maneira.”

Os conflitos acontecem na sala de aula e é nesse relacionamento que se consegue estabelecer regras de conduta referente às possibilidades de um espaço escolar. Entretanto, as mesmas devem ser discutidas e elaboradas pela série, essa é uma noção de justiça que pode contribuir para as situações mais justas em sala.

Considerando o ambiente escolar importante para o desenvolvimento cognitivo, afetivo, social e moral do sujeito, buscamos demonstrar como ele pode tornar-se ainda mais significativo na medida em que o professor desenvolva em sua ação diária exercícios voltados ao estabelecimento expressivo de relações interpessoais na escola.

Conversar com os alunos e tentar entender o ocorrido durante a situação de conflito é uma maneira de entender o que aconteceu. Os conflitos acontecem sempre e uma das maneiras de resolver a situação é fortalecendo o aluno para que o mesmo possa resolver sozinho, sem ajuda de um adulto.

9. Em sua opinião, como o professor deve agir diante de situações de recusa das crianças diante das atividades solicitadas durante as aulas?

“Às vezes essas situações nos cansam, já que temos uma grande demanda para dar conta na sala de aula. (...) Os alunos ficam pirraçando e com preguiça. Deveriam ficar em casa se não querem estudar. Mas quando estou atarefada e o aluno não quer estudar, dou duas opções. Ou você resolve aqui ou com a direção? Normalmente escolhem resolver comigo.”

Os alunos de 10 e 11 anos adquirem autonomia quando ele tem consciência das regras e na interação com o outro, ele elabora suas próprias leis e as segue por vontade própria. A autonomia “corresponde à cooperação, ao respeito mútuo, à negociação dos acordos, ao equilíbrio dos poderes, à vigilância mútua.” (LIMA, 1980, p.83).

Apesar de terem noção de autonomia na idade que apresentam, precisam ter o respeito pela professora, pois se foi solicitado que fosse realizado algo em sala, é porque é necessário e não se deve recusar.

A importância de construir no ambiente escolar, junto aos professores, meios que levem os indivíduos a desenvolver sua autonomia, e desta forma, segundo as referências teóricas aqui propostas, faz-se necessário pensar em práticas morais que tenham o objetivo principal de formar cidadãos críticos, pensantes, que sejam capazes de desenvolver um pensamento e fazer suas próprias escolhas.

10. Durante as aulas a um tempo de intervalo. As crianças sempre tem intervalo livre? Ou em alguns momentos são atividades diretivas?

“As crianças brincam todos os dias, tem o tempo do intervalo que são 20 minutos para se divertirem do lado de fora da sala. Eles trazem jogos ou brinquedos

de casa (bola), e jogam no pátio do colégio. Os intervalos ou recreios são livres por que as crianças brincam livremente, correndo e se divertindo como conseguem.”

Ao brincar, a criança não está preocupada com os resultados. É o prazer e a motivação que impulsionam a ação para explorações livres. A conduta lúdica, ao minimizar as consequências da ação, contribui para a exploração e a flexibilidade do ser que brinca.
(KISHIMOTO, 2002, p. 143)

A brincadeira faz parte do cotidiano da criança, fazendo-se necessário desenvolvê-la sem perder de vista, de um lado, todos os componentes do desenvolvimento integral que podem ser explorados. “Na brincadeira o professor deve observar o comportamento, valores e atitudes que a criança manifesta e transmite.” Skinner (apud VALADARES & ARAÚJO, 1999, p. 8) também destaca a importância do movimento ao fazer a análise do comportamento.

Segundo Vygotski (1994), a criança quando brinca, elabora hipóteses para a resolução de problemas e atividades do comportamento normal de sua idade, porque busca alternativas para transformar a realidade, seus sonhos e desejos podem ser realizados facilmente na brincadeira criando situações que ajudem a satisfazer algumas necessidades de seu interior.

11. Alguns adultos observam as crianças no momento do intervalo? Quantos e quais?

“Tem algumas pessoas que observam os alunos durante o intervalo, não sei ao certo, não me envolvo e nesse horário nem saio da sala. Mas acredito que seja alguém da secretaria do colégio.”

A convivência entre as crianças durante o intervalo é um espaço onde alunos convivem fora da sala de aula, explorando diferentes espaços e atividades individuais e coletivas. Nesse convívio coletivo podem acontecer alguns conflitos, existem instituições que, para evitar o caos, desenvolvem estratégias de controle: aumento da fiscalização dos inspetores, atividades monitoradas e restrição dos locais de circulação. Embora essas práticas ajudem a conter distúrbios, elas não educam os alunos para lidar com as tensões cotidianas.

Se a escola é um lugar de socialização, devem-se ensinar as crianças a lidar com os desentendimentos sem jamais negar a existência deles. Afinal, o conflito é

inerente às relações humanas. Então é necessária a presença de um adulto observando as crianças em suas atividades recreativas, para realizar as intervenções necessárias nos momentos de conflitos.

12. No retorno do intervalo é realizada alguma roda de conversa para saber o que aconteceu durante o intervalo?

“Não realizamos nenhum momento com conversas sobre o intervalo, às vezes, durante o intervalo eles vêm para falar comigo, para reclamar de algo que aconteceu durante o intervalo, mas não dou atenção, pois a responsabilidade é da direção. Se tiver conflito com briga (agressão física) entre duas crianças, chamam os pais que quando vêm , brigam, reclamam, defendendo seus filhos.”

O intervalo entre as aulas representa um aspecto especial na rotina escolar. Muitas vezes, trata-se do único momento em que os alunos podem fazer opções: com quem conversar de quem se aproximar, onde e como brincar. É o momento que os convida a explorar diferentes percursos e aprender algo mais sobre relações sociais no ambiente escolar. Não é à toa que, para boa parte dos estudantes, o recreio é a hora mais esperada.

13. Se as crianças reclamarem de alguns conflitos durante o período de aula, como estes são solucionados?

“Eles reclamam um com outro, raramente me pedem ajuda, e quando eles pedem eu tento ajudar se não estiver muito ocupada, se estiver, termino o que estou fazendo para ajudá-los. Sempre inicio a resolução do problema conversando com eles, se não resolver, a direção solicita a presença dos pais ou responsáveis.”

Nos momentos observados pela [professora Maria] houve alguns conflitos, mas os mesmos foram resolvidos pela professora ou não foram resolvido, o que demonstra a falta de importância dos mesmos para a regente.

As crianças precisam desenvolver a autonomia na resolução de conflitos juntamente com a noção de justiça e respeito ao outro, o que ainda se percebe de maneira muito sutil nesse ambiente da sala de aula.

SÍNTESE DA ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA

Após as observações e a digitação dos dados, chega-se à etapa de tratamento ou processamento dos dados, decidindo-se também sobre a escolha dos tipos de análise a serem realizados. É possível analisar os resultados das observações através de tabelas e gráficos. Podem ser examinadas as observações a partir das situações vivenciadas no cotidiano da sala de aula e intervalo e a partir deles tabular os dados.

O tratamento da análise de dados é o processo de distinção das partes de um todo da observação, com o objetivo de compreendê-la melhor. Ou seja, a análise pode ser definida como estudo detalhado de pontos específicos da observação realizada.

Partindo desse ponto, é possível afirmar que a análise de dados é uma técnica analítica que consiste na obtenção de uma grande quantidade de dados sobre determinado tópico para posterior estudo deles, a fim de identificar respostas ou soluções.

A tabulação de resultados é uma etapa muito importante, com a função de organizar e ler as informações. Os dados geralmente são tabulados por meio de tabelas e gráficos. A tabulação dos dados coletados ajuda também no momento de apresentação dos dados por permitir uma melhor visualização dos mesmos.

Esses dados foram tabulados a partir das observações em ambiente escolar, onde gerou dados qualitativos que se repetiam gerando um dado quantitativo que permitiu ser tabulado através de tabela e gráficos.

A seguir apresentam-se os dados referentes às observações na sala de aula e fora dela com situações que envolveram professor e alunos nos momentos de aula e recreio/intervalo (ver Gráfico1).

É notório quando se observa a tabela que as relações sociais nesse ambiente têm suas características e situações problemáticas que necessitam de intervenções de um adulto.

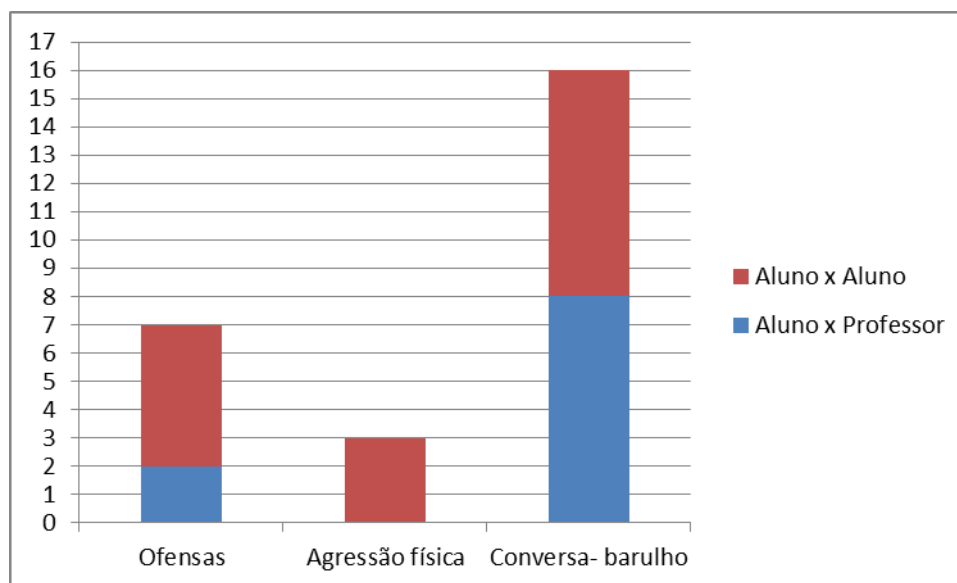


Gráfico 1- Situações de conflito na sala de aula aluno vs. aluno

Este gráfico foi construído a partir das observações realizadas no colégio, onde tiveram algumas situações de conflitos no espaço da sala de aula aluno vs. aluno e aluno vs. professor, sendo assim os dados foram tabulados para realização do mesmo.

O gráfico acima mostra dados referentes às observações realizadas, que foram caracterizadas como chamadas de atenção, agressão física e conversa que se reproduzem como barulho, esses dados são somente em relação a aluno vs. aluno e aluno vs. professor.

Percebe-se um comportamento agressivo dos alunos no ambiente escolar, as intervenções devem ser realizadas para que os alunos possam refletir a partir do ato equivocado no ambiente da sala de aula.

Os problemas de comportamento agressivo entre os alunos, além de consistirem nas principais queixas escolares, absorvem muito da atenção e do esforço dos professores (HUNTER, 2003).

No ambiente escolar existem pontos que contribuem para o surgimento dos conflitos e que, na maioria das vezes, não são explicitados sendo difícil percebê-los. Vinha (2006) ainda reforça que a teoria construtivista compreende os conflitos como oportunidades para trabalharmos valores e regras.

Relativamente às situações de conflito na sala de aula constatam-se, na relação professor vs. aluno, algumas atitudes recíprocas que nem sempre são geradoras de um bom ambiente de aprendizagem (ver Gráfico 2).

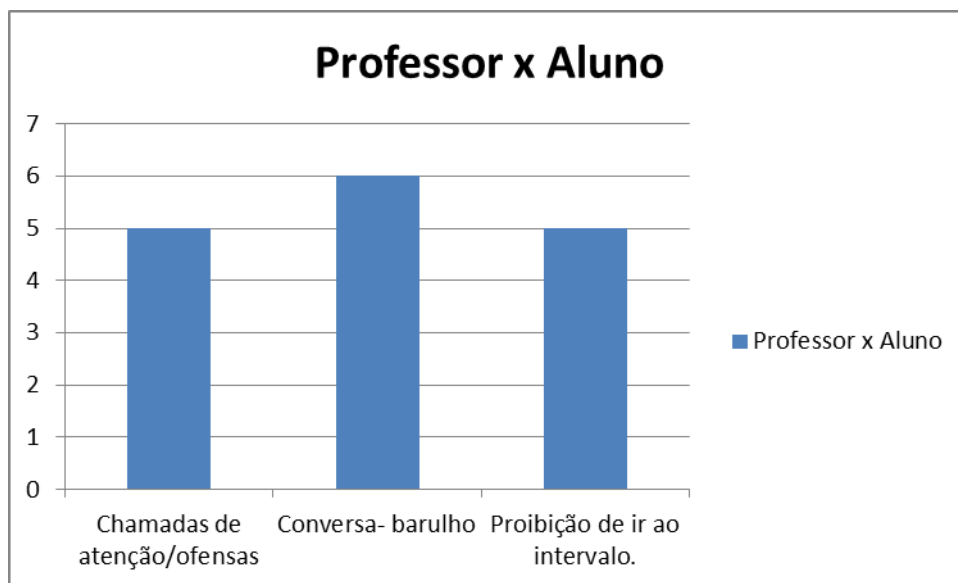


Gráfico 2 – Situações de conflito na sala de aula professor vs. aluno.

O gráfico mostra os dados referentes à interação do professor vs. alunos dentro e fora da sala de aula, trazendo os conflitos que aconteceram, juntamente com as proibições realizadas pelas professoras aos alunos indisciplinados e/ou que não cumpre com as responsabilidades.

Nas salas de aula, as estratégias disciplinares dirigidas para alunos agressivos têm sido ineficazes (Walker; Gresham, 1997), pois tendem a enfatizar o manejo do comportamento do aluno baseado em medidas punitivas ou veem as agressões como algo que não faz parte da rotina diária de sala de aula e não tentam resolver.

Os conflitos interpessoais raramente abordados em cursos de formação por isso a escola cria estratégias para evitar os conflitos e controlar os alunos por meio de uma relação de autoridade vertical, concomitantemente, os alunos não se desenvolvem moralmente e os conflitos tendem a aumentar e se tornam mais sérios e muitas vezes velados.

Como Oliveira, Caminha e Freitas (2010) afirmam, é importante que, ao almejar o desenvolvimento moral das crianças, a escola desenvolva propostas pedagógicas que colaborem com essa prática. Para isso a escola deve entender que os conflitos interpessoais, - situações de interação entre pessoas que geram sentimentos como frustração que são naturais e necessários para o desenvolvimento da criança.

Em relação às situações de conflito no intervalo pode-se constatar que através das observações do gráfico (ver Gráfico 3) na relação aluno vs aluno, as agressões acontecem sem supervisão de um adulto na área aberta do colégio.

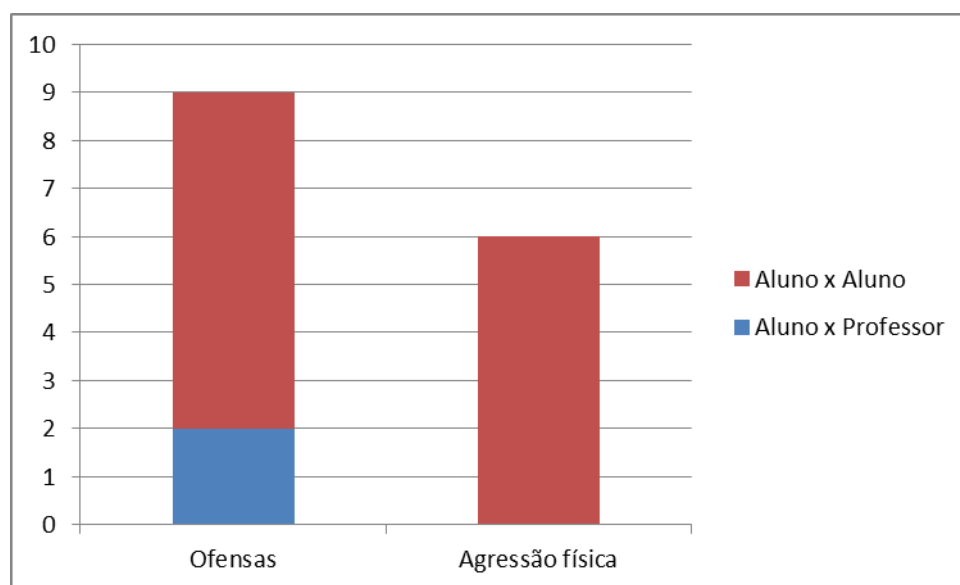


Gráfico 3 - Situações de conflito no recreio aluno vs. aluno.

Este gráfico mostra as observações realizadas no colégio, onde tiveram algumas situações de conflitos no espaço de recreio, local em que as crianças têm mais liberdade de brincar, esses conflitos estão interligados entre vs. aluno e aluno vs. professor, sendo assim os dados foram tabulados para realização do mesmo.

O gráfico (ver Gráfico 3) mostra dados referentes às observações realizadas no momento do recreio das crianças, espaço livre de interação entre elas, onde não há intervenção de adultos para a resolução de conflitos, para a construção do gráfico (ver Gráfico 3) foram caracterizadas as informações observadas por ofensas (palavras de baixo calão) e agressão física que aconteciam entre os alunos durante o momento relatado acima.

Segundo Lino (2005) o professor precisa perceber quando um bate-boca vai se tornar uma briga, interceder quando alguém pega o material do amigo, conversar sem pressa com o agredido e com o agressor para estimular a reflexão sobre o ato e o pedido de desculpas voluntário.

As relações interpessoais no espaço livre do colégio é uma relação de aluno vs. aluno sem intervenção de adulto ou monitoramento. Em observação ao gráfico pode-se perceber que o mesmo traz um número maior de conflitos relacionados a ofensas e agressões físicas, desse modo seria pertinente algumas intervenções para que os alunos interagissem de forma harmoniosa durante os intervalos.

“A violência seria apenas a conduta mais visível de recurso ao conjunto de valores transmitidos pelo mundo adulto, representados simbólica e materialmente na instituição escolar, que não mais respondem ao seu universo de necessidades” (SPOSITO, 1998, p. 73).

O gráfico traz informações sobre o cotidiano das crianças em um ambiente sociável que poderia ser mais harmonioso, mas os dados tabulados traz um convívio conflituoso no espaço do colégio.

Além dos dados referentes à observação na sala de aula e no intervalo, como foi mencionado acima, também os dados da entrevista trazem informação sobre a rotina da professora em sala de aula com os alunos. Trata-se de uma informação sobre a prática que relata responsabilidade, desafios e dificuldades em lecionar na série em que trabalha.

Considera-se o momento da entrevista com a professora como um espaço para compreender toda a demanda da sala de aula e rotina diária, trouxe consigo uma fluência interessante diante das respostas que a mesma pode elaborar, mesmo oralmente, ela conseguiu de maneira calma e harmoniosa responder às questões, assim percebe-se as dificuldades e ansiedades dos profissionais que trabalham com o intuito de formar cidadãos responsáveis e intervenientes.

Ouvir a professora sobre a sua prática pedagógica e as suas dificuldades na resolução de conflitos provoca momentos de angústia devido às dificuldades em alcançar o objetivo da série que já se encontrava no final do ano letivo.

Os relatos sobre os conflitos diários vão além de uma simples observação de meses, a professora, tem muito a falar sobre situações de conflito. A experiência trouxe-lhe aprendizagens que fazem parte da sua vida, que apesar de não ter conseguido resolver todos os problemas, há sempre a possibilidade da tentativa.

O professor é um mediador dos conflitos, da violência verbal e física no ambiente escolar. O respeito às diferenças aliado à valorização da vida transformam o ambiente em clima de cooperação.

A escola traz consigo as relações interpessoais e é determinante na construção da identidade. O ambiente escolar converge em diversidade e aprendizagem ao mesmo tempo e é nesse espaço que as relações interpessoais se estabelecem. Além das competências cognitivas e da responsabilidade educativa pedagógica. Pois só o conhecimento acadêmico não transforma, é preciso formar para a autonomia, para a flexibilidade, para o espírito crítico, o respeito a si mesmo, ao outro e à coletividade.

A entrevista trouxe a oportunidade de um olhar diferente sobre o que foi observado, assim, se percebe o quanto o trabalho é grandioso apesar de todas as adversidades diárias.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ambiente escolar que se vivencia dentro e fora da sala de aula propõe às crianças uma sociabilidade importante que se inicia desde a Educação Infantil e perdura pela fase adulta. Nas observações diárias que foram realizadas no caso deste estudo deram-nos a conhecer a natureza de um convívio social de crianças do 5º Ano em um ambiente social de conflitos diários dentro e fora da sala de aula.

Constata-se que normalmente as crianças que iniciam os conflitos estão localizadas no final da sala, as agressões verbais são constantes, apesar de muitas vezes a professora não ouvir tudo o que se passa a professora tem uma noção de que aquelas crianças são as mais difíceis em relação aos conflitos vivenciados diariamente. As agressões físicas nem sempre acontecem dentro da sala de aula e, quando acontece, a professora sempre se pronuncia em relação a esse tipo de conflitos.

As crianças relacionam-se de maneira agressiva e parecem estar acostumadas a esse tipo de postura. Durante as aulas elas conversam e se agridem verbalmente, poucos são os momentos de afinidade, compreende-se que os meninos em alguns momentos da aula parecem mais arredios.

A professora em entrevista relata que as crianças conversam bastante na sala, e que pede silêncio quase sempre, mas quando surgem conflitos com agressão verbal, deixa para que elas resolvam sozinhas senão levá-as à direção.

O conflito surge como oportunidade de construção moral e formação ética, pois é a partir dela que se pode conversar e perceber os equívocos e acertos que podem ajudar no convívio social afetivo.

A convivência das crianças no ambiente de sala de aula é algo que merece reflexão, pois as mesmas se agridem verbalmente a todo instante e não é potenciado como um ambiente proporcionador de mais harmonia.

O professor é o mediador dos conflitos da violência verbal e física no ambiente escolar e o mesmo, deve ser coibido com sanções que devem ter reciprocidade. O respeito às diferenças aliado a valorização da vida transformam o ambiente em clima de cooperação.

Constata-se que o fator etário é relevante nas interações sociais, ou seja, no grupo de crianças que têm a mesma idade é mais fácil a convivência social entre eles, pois têm os mesmos gostos, pensam de maneira parecida e têm o mesmo nível

linguístico para resolver os conflitos diários, dessa maneira deveria haver situações menos conflituosas no ambiente que foi observado, o que não acontece, pois, apesar da sala observada as crianças terem a mesma faixa etária, os conflitos não são resolvidos tão facilmente, pois eles ofendem-se insultam-se uns aos outros como se fosse algo normal, isso acontece diariamente no espaço da sala de aula. Trata-se de uma situação que é ocasionada pela falta de intervenção/mediação de um adulto.

Segundo relato da professora, falando sobre a rotina da sala de aula, a própria descreve um ambiente barulhento, sinaliza sobre a falta de respeito com os colegas como algo grave, os alunos não se respeitam, percebe-se que os conflitos se iniciam a partir dessa postura de falta de respeito entre eles.

As interações sociais que acontecem na sala trazem situações conflituosas. Assim, os conflitos acontecem como sendo entre as crianças e as ofensas verbais passam despercebidas por todos na escola, havendo uma indiferença entre outras crianças presentes.

Estes podem ser ignorados ou abafados ou ainda sanados e transformados num elemento auxiliar na evolução de uma sociedade ou organização, ao observar a história: até há pouco tempo a ausência de conflitos era encarada como expressão de bom ambiente, boas relações e no caso das organizações, como sinal de competência. (NASCIMENTO; SAYED, 2002, p.47).

As situações de intervalo traziam consigo oportunidade de conviver com diversas crianças com idades diferentes, já que o intervalo era realizado entre os 4º e 5º Anos na área aberta do colégio. Esse convívio pode trazer situações diversas no espaço de recreio, onde as crianças tem liberdade de interagir uma com as outras.

Palavrão ou palavra obscena é portanto aquela que viola as regras da cena social; a que sai do texto consagrado e diz e mostra o que não deve ser visto nem ouvido.” É, pois, pertinente, analisar até que ponto o aluno pensa ser certo ou errado o uso desse tipo de vocabulário, socialmente discriminado e desprestigiado, que foge às regras do bom preceito e da boa moral (ARANGO,1991,p.14).

Depreende-se que as relações interpessoais ocorridas nos momentos de intervalo trazem situações conflituosas entre as crianças do 4.º e 5.º Anos observadas na área aberta do colégio, onde as regras eram compostas pelas próprias crianças

para realizar as atividades lúdicas nos momentos livre, mas dessas regras surgem os conflitos que acabam em agressões físicas e verbais.

As poucas situações harmoniosas que acontecem no intervalo das aulas acontecem, sobretudo com as meninas em alguns instantes do intervalo percebe-se certa harmonia, pois elas conseguem formar grupos, interagem de maneira branda, sem ofensas e conseguem jogar e pular corda, dentre outras atividades lúdicas.

Os aspectos de convívio social entre professor e alunos durante as aulas é de fácil percepção, é de grande importância esse relacionamento de respeito. Conclui-se que apesar de haver muitos conflitos em vários momentos a professora precisa impor uma postura mais firme com os alunos, a mesma tinha afinidade com as crianças e preocupava-se com o aprendizado de todos.

Uma relação afetiva entre professor e aluno é de grande importância para seu crescimento social e intelectual, pois o aluno aprende melhor quando sabe que seu professor tem afinidades com ele. Nas observações se percebe uma relação de atenção entre professora e alunos. A professora demonstra ser responsável em relação ao aprendizado e cuidado com os alunos.

“A relação entre professores e alunos deve ser de respeito e de troca. O vínculo representa um eixo fundamental, sobretudo quando falamos dos pequenos, que obedecem em nome do amor ou do medo que sentem.” (MUNERATO, 2011, p. 2).

Perceber o conflito, conversar e tentar entender respeitando as opiniões é a melhor maneira. A discussão em torno da relação entre professor e aluno pode se iniciar com as palavras de Freire (1996) quando afirma que:

o professor autoritário, o professor licenciado, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida das gentes, o professor mal amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista nenhum deles passam pelos alunos sem deixar sua marca. (FREIRE, 1996, p. 76)

Durante as situações de interações sociais no ambiente escolar presenciadas durante as observações pode-se constatar que acontecem a todo instante dentro e fora da sala de aula, assim como os conflitos.

não há mais respeito mútuo entre discentes e docentes; a indisciplina em sala de aula é uma constante; a dificuldade que os estudantes encontram em usar a linguagem escrita como elemento de reforço ou registro da fala, uma triste realidade; e atos de violência escolar já fazem parte do nosso dia-a-dia. (JARDIM, 2009, p.4).

Na entrevista realizada a professora relata sobre a falta de respeito dos alunos em relação a ela, como professora, em situações em sala alguns alunos não aceitam as atividades e trabalhos realizados em classe, eles discordam e usam a fala de maneira agressiva para impor o que querem.

A relação dos professores com seus alunos deve ser de respeito. Assim como o professor tem que respeitar seu aluno, o aluno deve respeitar o professor. O aluno precisa entender que o professor é, antes de tudo, uma pessoa que tem os seus valores e que representa papel importante na escola e na vida do aluno, portanto merecedor de total respeito para que se realize na sala de aula um trabalho construtivo através do diálogo, sem ofensas nem ameaças.

Foi possível entender a rotina diária das crianças e perceber como os conflitos são solucionados. Sendo assim, os conflitos são em alguns momentos solucionados pela professora ou outros pela criança e às vezes não são solucionados.

Durante a entrevista a professora fala sobre a sua dificuldade de realizar intervenções durante os conflitos que acontecem na sala de aula, mas em sua maioria ela tenta conversar com os alunos, sendo imparcial durante toda a conversa para que assim possa intervir e resolver os problemas da sala.

Conversar com os alunos e tentar entender o ocorrido durante a situação de conflito é uma maneira de entender o que aconteceu.

Os conflitos configuram-se como o grande entrave no ambiente escolar. E se não forem resolvidos de maneira adequada pode prejudicar todo o processo de conquista de autonomia e resolução do conflito. Uma maneira de resolver os conflitos é conversando entendendo o motivo ou razão em relação ao conflito gerado e assim entender e tentar solucioná-lo.

A professora juntamente com o corpo docente do colégio poderia realizar algumas atividades (palestras, oficinas, rodas de conversas) que ajudassem essas crianças a melhorarem seu comportamento agressivo. O professor é modelo e precisa tomar algumas atitudes para que esses desentendimentos no espaço da sala de aula,

não se perdurem, sabem-se da dificuldade da escola pública no Brasil, e o quanto precisa melhorar.

Proporcionar aos professores e alunos momentos de reflexão para que, juntos, possam traçar propostas e caminhos de modo a promover o fortalecimento do professor e dos alunos, podendo minimizar as emoções negativas e a criar soluções cada vez mais produtivas tanto para ele como para os demais envolvidos no conflito.

Para Martinez Zampa (2005), a maneira de lidar com o conflito no interior da escola varia de um ambiente para outro e de acordo como ele é visto como instrumento de crescimento ou se interpretado como um grave problema que deva ser abafado. Vinha (1999) ainda reforça que a teoria construtivista compreende os conflitos como oportunidades para trabalhar valores e regras.

Construir essas regras e valores junto com os alunos, dentro da sala de aula, possibilita que eles mesmos percebam os equívocos em relação a interação social realizada com agressão verbal e física, pode mostrar para os alunos que a solução foi proporcionada por eles mesmos.

Protanto percebe-se que os conflitos acontecem diariamente, tanto na sala como no recreio, sem uma eficaz intervenção dos adultos, agravando assim os conflitos e evidenciando a falta de estratégias para a resolução de conflitos na escola. Para conviver em harmonia é necessária uma estratégia integrada da escola, com regras construídas pela comunidade escolar, sem esquecer os próprios alunos, possibilitando a melhoria do ambiente escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALONSO, M. **Formar Professores para uma Nova Escola**. In: O Trabalho Docente: Teoria & Prática. São Paulo: Pioneira, 1999.
- ALVES, R. **Conversas com quem gosta de ensinar**. 19 ed. São Paulo: Cortez, 1987.
- AMADO, J. Freire, I. **Indisciplina e Violência na Escola – Compreender para Prevenir**, Porto: Edições Asa, 2002.
- ARRUDA, F. D. **No rastro da nova era**. In: M.C.Teixeira e M.R. Porto Imaginário, cultura e educação. São Paulo: Pleiade, 1998.
- AUSUBEL, et al. **Psicologia educativa: um ponto de vista cognoscitivo**. México: Trillas, 1988.
- AUSUBEL, D.P. **Psicología educativa: um punto de vista cognoscitivo**. Traducción al español de Roberto Helier D., de la primera edición de Educational psychology: a cognitive view. México: Trillas, 1976.
- BALLENATO, G. **Educar sem Gritar. Pais e Filhos: Convivência ou Sobrevivência?** Lisboa: A Esfera dos Livros, 2008.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARROS, A. J. P. LEHFELD, N. A. S. **Projeto de Pesquisa: propostas metodológicas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- BAUER, M. W. **Análise de conteúdo clássica: uma revisão**. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BENAVENTE, A. et al. **Educação 2016: Transição e expectativas**. In A. Benavente, & P. Peixoto (Eds.), *Relatório 2016: Relatório do Observatório das Políticas de Educação, Formação e Ciência (OP.EDU)*. Lisboa: Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento (CEIED) e Centro de Estudos Sociais (CES). Disponível em: <<http://www.op-edu.eu/files/2016-12/relat-rio-op-edu-20161221.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2017

BENEVIDES, M. V. **Cidadania e direitos humanos**. In: CARVALHO, J.S. (org.) Educação, cidadania e direitos humanos. Petrópolis: Vozes, 2004.

BOCK, A. M. B. **Psicologia em Construção**. In: Psicologia: Uma Introdução aos Estudos de Psicologia, São Paulo: Saraiva 2002.

BONETTI, A. et al. Side effects of anabolic androgenic steroids abuse. International Journal of Sports Medicine, Stuttgart, v. 29, no. 8, p. 679-687, 2008.

BRASIL, **Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais, ética**. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRAVO, R. S. **Técnicas de investigação social: Teoria e exercícios**. 7 ed. Madrid: Ver, 1991.

CALADO, S. S. et al. **Análise de documentos: método de recolha e análise de dados**. Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/ichagas/mi1/analisedocumentos.pdf>>. Acesso em: 27 agosto 2017

CAMPOS, C. J. G. **A vivência do doente renal crônico em hemodiálise: significados atribuídos pelos pacientes**. 2002. Tese (Doutorado em Ciências Médicas) - Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

CHAUÍ, M. **Brasil: Mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Perseu Abramo, 2000.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências humanas e sociais**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1995.

COMTE, A. **Système de politique positive ou traité de Sociologie instituant la Religion de l'Humanité**. 3 ed. 4 v. Paris: Larousse, 1890.

COUTINHO, J. S.; OLIVEIRA, V. **Qual a importância da mediação no processo de aprendizagem?** Disponível em: <<http://vsos.blogspot.com.br/2011/01/qual-importancia-da-mediacao-no.html>> Acesso em: 13 outubro 2017.

DANNA, M. F.; MATOS, M. A. **Ensinando observação: Uma introdução.** São Paulo: Edicon, 1986.

DEDESCHI, S. C. C. **Bilhetes reais e/ ou virtuais: uma análise construtivista da comunicação entre escola e família.** 2011.Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir.** São Paulo: Cortez. ,1998.

DEVRIES, R.; ZAN, B. A Ética na educação infantil: o ambiente sócio-moral na escola. Tradução de Dayse Batista. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

DEWEY, J., **The school and society.** In: Boydston, JA (ed.) John Dewey. The Middle Works, 1899–1924 (Vol. 1, 1899–1901). Carbondale, IL; Edwardsville, IL: Southern Illinois University Press, 1976.

DILLENBOURG, P. **What do you mean by collaborative learning?.** In: Collaborative learning: Cognitive and Computational Approaches. Oxford: Elsevier, 1999, p.1-19.

DUBET, F. **L'école des chances: qu'est-ce qu'une école juste?** Paris: Le Seuil, la République des Idées, 2004.

DURKHEIM, E., **Education and Sociology.** Glencoe: Free Press, 1956, p. 70 -71.

DURKHEIM, E. **Educação e Sociologia.** 7 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1967.

ELALI, G. A. O ambiente da escola – o ambiente na escola: uma discussão sobre a relação escola–natureza em educação infantil. **Estudos de psicologia,** Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, v 8, n 2, p. 309-319. , Ago, 2003.

ERICKSON, F. **Qualitative methods in research on teaching.** In M. C. Wittrock (Ed.), Handbook of research on teaching, New York, NY: MacMillan, 1993, p119-161.

ESTRELA, A. **Teoria e prática de observações de classes: Uma estratégia de formação de professores.** 2 ed. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986.

FERREIRA, J. et al. **Manual de psicossociologia das organizações.** Lisboa: McGraw-Hill, 2011.

FILLOUX, J. C. **Émile Durkheim** tradução: Celso do Prado Ferraz de Carvalho, Miguel Henrique Russo. – Fundação Joaquim Nabuco, Recife: Massangana, 2010.

FORMOSINHO, J. et al. **Administração da educação – Lógicas burocráticas e lógicas de mediação.** Porto: ASA, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** 18 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, M. T. A. **Vygotsky e Bakhtin – Psicologia e Educação: um intertexto.** 2 ed. s/l: Ática, EDUFJF, ABDR, s/d.

GARCIA, C. M. Formação de professores: para uma mudança educativa. Trad. Isabel Narciso. Porto: Porto Editora, 1999.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, mai/jun, 1995.

GÓMEZ, A. I. P. **A aprendizagem escolar: da didática operatória à reconstrução da cultura na sala de aula.** In: SACRISTÁN, J. G.; PÉREZ GÓMEZ, A. I. *Compreender e transformar o ensino.* 4.ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

GRILLO, M. **O professor e a docência: o encontro com o aluno.** In: ENRICONE, D. et al (orgs.) *Ser professor.* Porto Alegre: EDIPUCRS , 2001, p.73-89.

GRILLO, M. H. M. M. The impact of a vocal improvement course in a speech language and hearing science prevention context. *Pró-Fono Revista de Atualização Científica*, Barueri, v. 16, n. 2, p. 159-168, maio-ago. 2004.

HANSEN, J. et al. O brincar e suas implicações para o desenvolvimento infantil a partir da psicologia evolucionista. **Rev Bras Crescimento Desenvolv Hum**, v. 17(2), p.133 –143, 2007.

HUNTER, L. School psychology: a public health framework. III. Managing disruptive behavior in schools: the value of a public health and evidence-based perspective. **Journal of School Psychology**, 41 (1), 39-59, 2003.

KETELE, J.M.; ROEGIERS, X. **Metodología para la recogida de información**. Espanha: La Muralla, 1995.

KETELE, J. M. Observer pour éduquer, **Revue française de pédagogie**. Berne, v. 57, p. 77-78, 1981.

KISHIMOTO, T. M. B. **Brincadeira**. In: O brincar e suas teorias. São Paulo: Pioneira, 2002.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. **Pesquisa pedagógica: do projeto a Implementação**. Trad. Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2008.

LIMA, L. O. **Piaget para principiantes**. São Paulo: Summus, 1980.

LUCCHESI, M. A. S. **O Diretor da Escola Pública, um Articulador**. In: ALONSO, M. O Trabalho Docente: Teoria & Prática. São Paulo: Pioneira, 1999.

LÜDKE, M. A.; MARLI E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACARINI, S. M.; VIEIRA, M. L. O brincar de crianças escolares na brinquedoteca. **Rev Bras Crescimento Desenvolv Hum**. v. 16(1), p.49 – 60, 2006.

MORRISH, I. Sociologia da educação: uma introdução. Tradução de Álvaro de Cabral. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

MARTIN-BARÓ, I. **Acción y ideología – Psicología Social desde Centroamérica**. San Salvador: UCA, 1992.

MARTINEZ ZAMPA, D. **Mediación educativa y resolución de conflictos: modelos de implementación.** Buenos Aires: Novedades Educativas, 2005.

MOSQUERA, J. J. M.; STOBÄUS, C. D. **O professor, personalidade saudável e relações interpessoais: por uma educação da afetividade.** In: ENRICONE, D. (Org.). Ser professor. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 91-107.

NOVAK, J. D. Understanding the learning process and effectiveness of teaching methods in the classroom, laboratory and field. **Science Education**, 60(4) 493-512, 1976.

NÓVOA, A. (Coord.). Os professores e a sua formação. 2 ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

OLIVEIRA, L. S. **Tratado de Metodologia Científica: Projetos de pesquisas, TGI, TCC, Monografias, Dissertações e Tese.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

OLIVIER, J. C. **Das brigas aos jogos com regras: enfrentando a indisciplina na escola.** trad. Heloísa Monteiro Rosário. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

ORTEGA-RUIZ, R. & DEL REY, R. Estratégias educativas para a prevenção da violência. (Ozório, J., Trad.). Brasília: Unesco/UCB, 2002.

PERRENOUD, P. **Ofício de aluno e sentido do trabalho escolar.** Porto: Porto Editora, 1995.

PERUZZO, C. M. K. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania.** Petrópolis: Vozes, 1998.

PIAGET, J. **O juízo moral na criança.** Tradução de Elzon Lenardon. São Paulo: Summus, 1994.

PIAGET, J. **Para onde vai a educação?** Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

PIFERRER, F. M. **Un programa de educación moral.** In: Cuadernos de pedagogia, Barcelona, nº 201, 1992, pp 28-30.

PIMENTA, S. G. **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 2000.

PUIG, J. M. **A construção da personalidade moral**. São Paulo: Ática, 1998.

REY, F.G. **Comunicación, Personalidad y Desarrollo**. Havana: Pueblo Educación, 1995.

SÃO PAULO, Secretaria de Estado de Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, Lei n.º 9.394/96. Editora do Brasil S/A. São Paulo, 1998.

SCHÖN, D. **Educando o Profissional Reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

SERRÃO, J. **Educação para a cidadania global impacto do projecto M- igual? Igualdade não é indiferença, é oportunidade!** Universidade de Lisboa, Departamento de Educação da Faculdade de Ciências, Lisboa, 2009.

SERRÃO, J.; FREITAS, J. M. Desafios e oportunidades da Educação para a Cidadania. **Revista de estudos e Investigación en Psicología y Educación**. Extr., (6), 417-421, 2017.

SERRÃO, F. J. ; SALEMA, H. As práticas dos docentes e a cidadania. **Revista de estudos e Investigación en Psicología y Educación**, Extr., (6), 62-65, 2015.

SERRÃO, F. J. ; SALEMA, M. H. Educação para a cidadania global na senda dos direitos humanos e do desenvolvimento. In: SILVA, B. D. et al. (Eds.), XII Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia, 2013, Braga, **Anais...** Braga: Universidade de Braga Instituto de Educação. 2013, p. 910-922.

SERRÃO F. J.; SALEMA, M. H. **A escola e a cidadania global**. In: GONÇALVES, S.; SOUSA, F. (Eds.), Escola e comunidade: Laboratórios de cidadania global. Universidade de Lisboa/ Instituto de Educação. Lisboa, 2012, p.109-124.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**, São Paulo: Cortez, 2007.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. **A Pesquisa Científica**. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D.T. (Org.) Métodos de pesquisa UAB/SEAD-UFRGS. Editora da UFRGS. Porto Alegre, 2009.

SPAGNOLO, C.; MANTOVANI, A. M. Aprendizagem Colaborativa na educação escolar: novas perspectivas para o processo de ensinar e aprender. **Revista Digital de CVA**, v. 8, n. 30, dez, 2013.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 16. ed. Vozes. Petrópolis, 2014.

TOGNETTA, L. R. P.; VINHA, T. P. **Quando a escola é democrática: um olhar sobre as práticas das regras e assembleias na escola**. Mercado das Letras. Campinas, 2007.

TORREGO, J. **Mediação de Conflitos em Instituições Educacionais. Manual para a Formação de Mediadores**. Edições ASA. Lisboa, 2003.

TORRES, P. L. **Laboratório online de Aprendizagem: uma proposta crítica de aprendizagem colaborativa para a educação**. Tubarão: Unisul, 2004

TUGENDHAT, E. **Lições sobre ética**. Petrópolis: Vozes, 1999.

VALADARES, S.; ARAÚJO, R. **Educação Física no cotidiano escolar**. Belo Horizonte: Fapi LTDA, 1999.

VINHA, T. P. Os conflitos interpessoais na escola. **Revista de Educação e Informática**, São Paulo, v. 19, p. 33-38, 2006.

VINHA, T. P. O processo de resolução dos conflitos interpessoais na escola autocrática e democrática. **Revista da Faculdade Adventista da Bahia**, Cachoeira, v. 1, n. 1, p. 63-80, 2004.

VINHA, T. P. O educador e a moralidade infantil numa perspectiva construtivista. **Revista do Cogeime**, São Paulo, n. 14, p. 15-38, 1999.

VINHA, T. P. O educador e a moralidade infantil: uma visão construtivista. Campinas: Mercado das Letras, 2000.

VINHA, T. P.; TOGNETTA, L. R. P. **A construção da autonomia moral: a intervenção nos conflitos interpessoais e a aprendizagem dos valores.** In: Anais do VIII Congresso Nacional de Educação da PUCPR – EDUCERE e o III Congresso Ibero-Americano sobre Violências nas Escolas – CIAVE. Curitiba: PUC, 2008.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1996.

WALKER, H. M.; GRESHAM, F. M. Making schools safer and violence free. **Intervention in School and Clinic**, 32 (4), 199-204, 1997.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** Tradução Ana Thorell; revisão técnica Cláudio Damacena. 4 ed. Porto Alegre: Bookman. 2010

YUS, R. **Temas transversais: Em busca de uma nova escola.** Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZABALA, A. A prática educativa: como ensinar. Trad. de Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ANEXOS

ANEXO - A

Quadro Guia de Observação

ANOTAÇÕES DE CAMPO	
DATA	ORDEM DA OBSERVAÇÃO:
QUESTÃO OBSERVADA:	
OBSERVAÇÕES:	
ANOTAÇÕES:	

ANEXO B

Quadro Plano de observação

	Meses	Datas	Dia	Hora	Nº Alunos
2016	Outubro	04	Terça-Feira	14 às 16h	
		05	Quarta-Feira	14 às 16h	
		11	Terça-Feira	14 às 16h	
		12	Feriado Nacional	–	
		18	Terça-Feira	14 às 16h	
		19	Quarta-Feira	14 às 16h	
		25	Terça-Feira	14 às 16h	
		26	Quarta-Feira	14 às 16h	
	Novembro	01	Quarta-Feira	14 às 16h	
		02	Feriado Nacional	–	
		08	Terça- Feira	14 às 16h	
		09	Quarta- Feira	14 às 16h	
		15	Feriado Nacional	–	
		16	Quarta-Feira	14 às 16h	
		22	Terça-Feira	14 às 16h	
		23	Quarta-Feira	14 às 16h	
	Dezembro	06	Terça-Feira	14 às 16h	
		07	Quarta-feira	14 às 16h	
		12	Terça- Feira	14 às 16h	
		13	Quarta- Feira	14 às 16h	

ANEXO C

QUADRO GUIA DE ENTREVISTA

Nome:	Idade:
Nome da instituição de ensino que leciona:	Série que leciona:
Tempo de serviço:	

1- Como você chegou a esta instituição de ensino? 2- Há quanto tempo você leciona nesta instituição? 3- Quais as séries você já lecionou? 4- Em sua opinião como é que as crianças se relacionam no ambiente da sala de aula, em situações de conflito? 5- A partir da sua experiência no ambiente de sala de aula, como você consegue passar a mensagem para as crianças, para que as mesmas se sintam seguras e consigam questionar e trocar informações durante as aulas? 6- No ambiente escolar, existem muitos conflitos. Quais as situações de conflito que mais chamou sua atenção? 7- A rotina da sala de aula é complexa e com muitas demandas. Nessa rotina diária que os conflitos acontecem com grande frequência. Como são resolvidos estes conflitos? 8- Diante das situações conflituosas que a senhora vivencia. Como se propõe a ajudar? 9- Em sua opinião, como o professor deve agir diante de situações de recusa das crianças diante das atividades solicitadas durante as aulas? 10- Os intervalos das crianças são livres ou em alguns momentos são atividades diretivas? 11- Alguns adultos observam as crianças no momento do intervalo? Quantos e quais? 12- As crianças têm um espaço adequado para brincar, no retorno do intervalo é realizada alguma roda de conversa para saber o que aconteceu durante o intervalo? 13- Se as crianças reclamarem de alguns conflitos durante o período de aula, como estes são solucionados?

ANEXO D


UNIVERSIDADE
LUSÓFONA

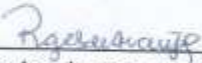
AUTORIZAÇÃO

Eu, _____,

responsável pelo Colégio Padre Giovanni Ciresola, autorizo a realização do estudo sobre as relações interpessoais: resoluções de conflitos e valores morais no ambiente escolar, a ser conduzido pela pesquisadora abaixo. Fui informado pelo responsável do estudo sobre as características e objetivos da pesquisa, bem como das atividades que serão realizadas na instituição a qual represento.

Declaro ainda ter lido e concordar com o parecer ético emitido pelo CEP da instituição proponente, conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS 466/12. Esta instituição está ciente de suas responsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Feira de Santana, 19 de junho de 2016


Assinatura e carimbo do responsável institucional
Rafaela Giovana Lima Santana de Araújo
VICE-DIRETORA
AUT. 19/162/16

Pesquisadora: Daniela de Lima Carvalho Pereira.

ANEXO E

	 UNIVERSIDADE LUSÓFONA de Humanidades e Tecnologias <i>Humani nihil alienum</i>	
Termo de autorização		
Será realizada uma pesquisa de mestrado pela aluna Daniela de Lima Carvalho Pereira,		
Eu,	[Redacted], (nome do	
Responsável) autorizo	[Redacted]	
a participar da pesquisa de observação, em que a mesma tem por objetivo observar e analisar os as interações sociais e as resoluções de conflitos neste ambiente.		
Local: _____		
Assinatura do responsável [Redacted]		
Obs: A identidade será mantida em sigilo.		

	 UNIVERSIDADE LUSÓFONA de Humanidades e Tecnologias <i>Humani nihil alienum</i>	
Termo de autorização		
Será realizada uma pesquisa de mestrado pela aluna Daniela de Lima Carvalho Pereira,		
Eu,	[Redacted], (nome do	
Responsável) autorizo	[Redacted]	
a participar da pesquisa de observação, em que a mesma tem por objetivo observar e analisar os as interações sociais e as resoluções de conflitos neste ambiente.		
Local: _____		
Assinatura do responsável [Redacted]		
Obs: A identidade será mantida em sigilo.		